ILUSTRAÇÃO

1.º ANO — Número 23 Lisboa, 1 de Dezembro de 1926 PREÇO 4$00

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão

DÔRES DE CABEÇA
PASSAM RAPIDAMENTE

COM AS TABLETAS DE

Schering

Veramon
SCHERING

que não atacam o coração nem causam sôno ou sensações de calor.

Atenção: o empacotamento original de 10 e 20 tabletas de 0,4 gr.

A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradavel e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crescidão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & Cie), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

Grande Novidade em Perfumaria

"VELOUTY DIXOR"

21, Rue Faidherbe — PARIS

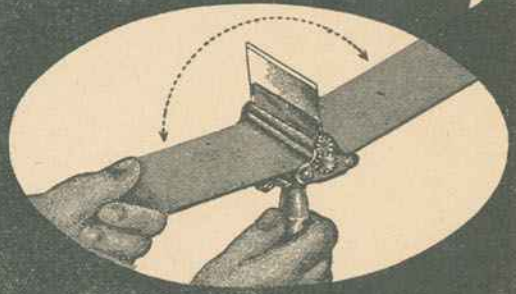
Substitue o CRÊME e o **PÓ D'ARROZ SEM MANCHAR** os vestidos. Lava-se com agua ordinaria. Existe em tres côres: BRANCO, NATURAL e MARFIM.

Nenhum produto o póde egualar para a BELEZA do **ROSTO**, das **MÃOS**, dos **BRAÇOS** e do **DECOTE**.

Leia-se bem! NÃO MANCHA A ROUPA e para prova-lo envia-se uma amostra gratuita e um prospecto explicativo a quem o requisitar indicando o nome d'esta revista aos agentes:

JULES DELIGANT, L.da — 15, Rua dos Sapateiros-LISBOA

Máquina de barbear "VALET" AutoStrop



Economisa continuas despezas de laminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

1.º Dispositivo suavisador que permite dar á lamina em dez segundos um fio finissimo sem haver necessidade de retirar a lamina da maquina e sem necessitar de nenhum apparelho especial e custoso.

2.º Graças á qualidade do aço as laminas podem servir 50 vezes ou mais, economisando continuas despezas de laminas novas.

3.º A limpeza é extremamente facil, não havendo necessidade de retirar a lamina nem de desaparafusar ou desmontar nenhuma peça.

Agencia: Lachaud, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa

A tez clara é um sintoma de boa saude

As más digestões e a prisão de ventre são prejudiciaes á pureza do sangue e, consequentemente, á frescura da pele.

O uso regular do Eno, verdadeiro Sal de Fructa, com uma reputação mundial de mais de 50 anos, corrige as perturbações digestivas e combate a prisão de ventre.

ENO'S "Fruit Salt" purifica o sangue ao mesmo tempo que limpa o intestino, e ajuda, portanto, a conservar a frescura da pele, melhor adorno da beleza.

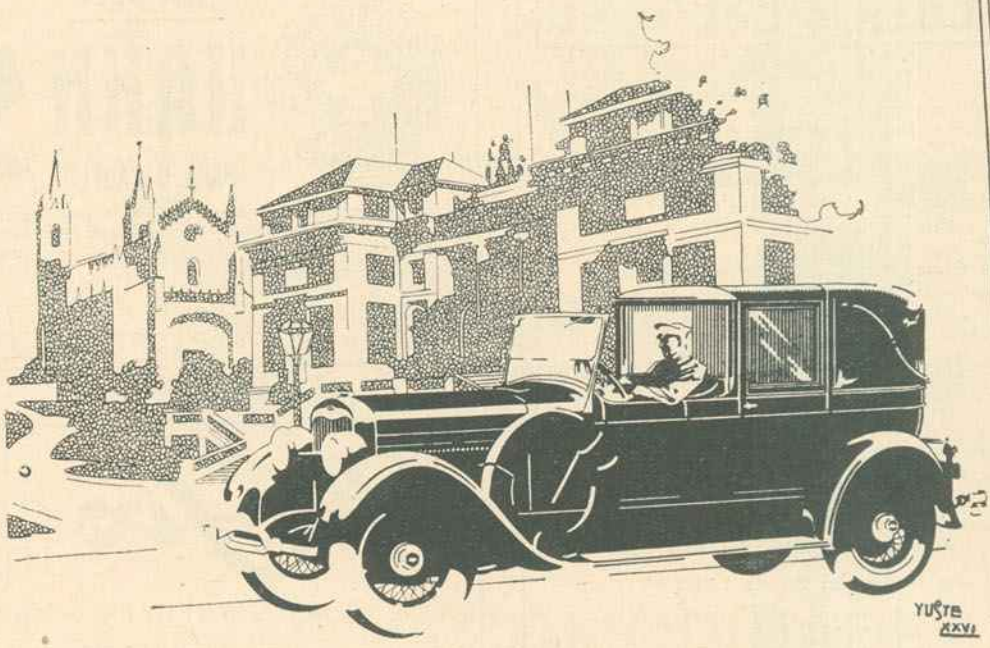
Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:

Robinson, Bardsley & Co. Ltd.

8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.



Da mesma maneira que, ao visitar uma grande cidade, o vosso gôsto artístico vos levará a conhecer as maravilhas que encerram os seus Museus, assim mostrareis a vossa admiração ao conhecer o luxuoso «LINCOLN», o automóvel dos elegantes.

Quando se pretende comprar um automóvel luxuoso e do melhor fabrico, pensa-se exclusivamente no

LINCOLN

MATERIAL ESCOLAR

Fornecemos ao preço dos fabricantes tôda a qualidade de material em grandes e pequenas quantidades, tais como: Estojos para desenho, réguas, quadros, esquadros, pedras, quadros em pedra, canetas, lápis, tinta, borrachas, etc., etc. Os pedidos dêste material para fora do Continente Português devem vir sempre acompanhados da respectiva importância

Glôbos Geográficos — *Glôbo Celeste*, montado sôbre pé de bronze, Escudos 170$00. *Glôbos Terrestres*, Idem, 0m,45 diâmetro, Esc. 230$00 — 0m,33 diâmetro, Esc. 170$00 — 0m,16 diâmetro, Esc. 45$00 — 0m,08 diâmetro, Esc. 20$00. *Glôbos Terrestres*, (com meridiano), montados sôbre pé de bronze, 0m,33 diâmetro, Esc. 230$00

Mapas Parietais — Das cinco partes do mundo, por *J. Monteiro*, em fôlhas de 1m,35 × 1m,10

Europa — África — América do Norte — América do Sul — Oceania — Mapa Mundi

Cada mapa em fôlhas 15$00

Pedidos às Livrarias

AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PETROLEO M. d. F.

PETROLE HAHN POUR LES CHEVEUX

HAHN

PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 20$00 FRASCO PEQUENO 14$00

VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: *J. DELIGANT, L.da*

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

Grip-fix

A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação **Preço 10$00**

Únicos representantes para Portugal e Colónias:

AILLAUD, LIMITADA

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Todas as pessoas de bom gosto e que apreciam a bôa leitura, devem assinar o

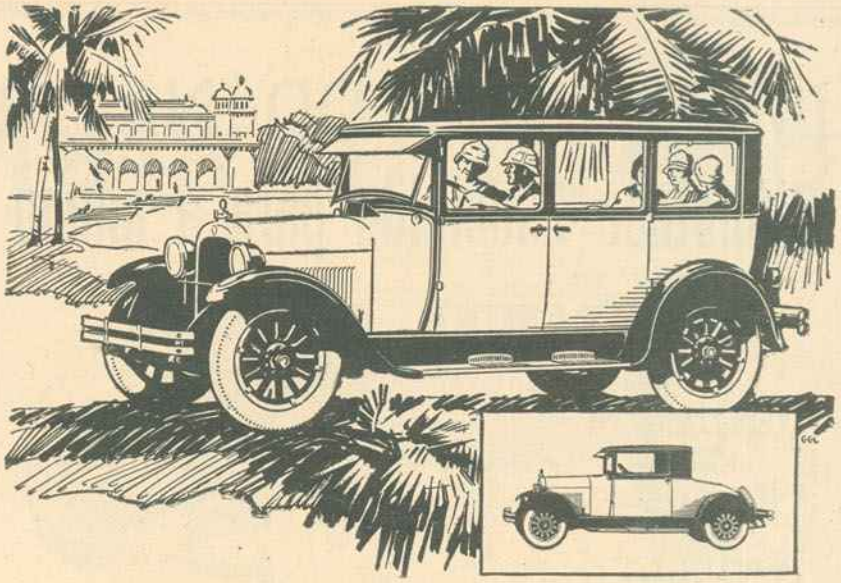
MAGAZINE BERTRAND

LEITURA PARA TODOS

Revista mensal, a aparecer em janeiro de 1927, editada pelas

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



LUXO E COMODIDADE

em climas frios ou quentes

Os carros fechados Dodge Brothers são incomparáveis para todos os climas e para todo o tempo.

Proporcionam resguardo completo contra a chuva e a poeira sem prejuiso de campo completo de visão nem também da ventilação. Teem, no tempo quente, a frescura de um carro aberto.

Em todos os cl mas — quer na África Oriental Inglesa, na África do Sul, na Índia, na Austrália, ou nos climas frios do Norte da China e do Japão, oferecem a mesma comodidade de andamento e govêrno em todo o gênero de tempo.

Demais, conservam a mesma boa aparência por longo período de tempo.

BERNARDINO CORRÊA. LTD.

LISBOA — 1, Avenida da Liberdade

PORTO — 31, Avenida dos Aliados

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

UM BRINDE DO NATAL

Uma Biblioteca Escolhida para a minha filha

LITERATURA FRANCESA

DELLY:

Esclave... ou Reine? — Entre deux âmes. — La Fin d'une Walkyrie. — La Petit Chanoinesse. — Sous le masque. — Le Secret du Kou-kou-noor.

M. DELLY:

Dans les ruines. — L'Exilée. — Une Femme supérieure. — Les Hiboux des Roches Rouges Magali. — La Maison des Rossignols. — La Vengeance de Ralph.

GUY CHANTEPLEURE:

Fiancée d'Abril. — Les Ruines en Fleurs. — Âmes Féminines. — Sphinx Blanc. — L'Aventure d'Huguette. — Le Baiser au Clair du Lune. — La Folle Histoire de Fridoline. — Le Hasard et L'Amour. — Malencontre. — La Ville Assiégée. — Ma Conscience en Robe Rose. — La Passagère.

HENRY ARDEL:

Le Rêve de Suzy. — Cœur de sceptique. — Rêve blanc. — Mon Cousin Guy. — Renée Orlis. — Un Conte bleu. — L'Heure decisive. — Seule. — Tout arrive. — Il faut marier Jean! — L'Été de Guillemette. — Le Mal d'aimer.

HENRY BORDEAUX:

La Robe de laine. — La Croisées des chemins. — Les Roquevillard. — La Amour en fuite. — Le Peur de Vivre. — La Nouvelle Croisade des enfants.

M. MARYAN:

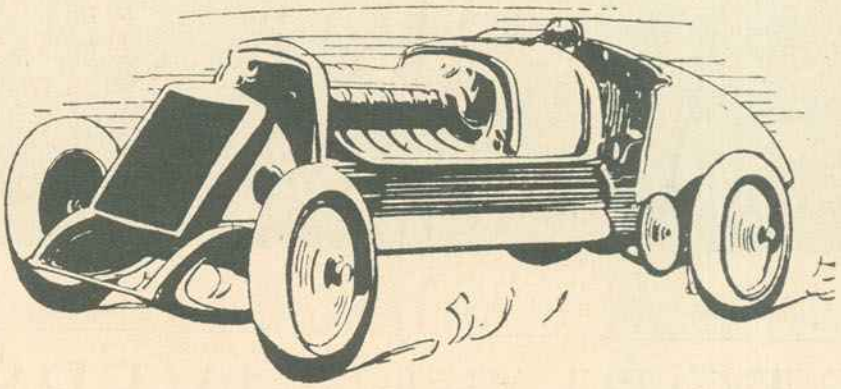
Annunziata. — Les chemins de la Vie. — Chimères. — Une cousine pauvre. — Denise. — Une dette d'honneur. — Une Faute. — La maison de Famille. — Méprise. — Le Prieuré. — Roman d'automne. — Le Roman de Rémie — La Rose Bleu.

A' venda nas

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Mais um record



O Snr. Parry Thomas, conduzindo o seu carro de corridas com motor de aviação de 400 c. v. em «Pendine Sands» (Galles) bateu o record do mundo de velocidade uzando gazolina e oleo SHELL.

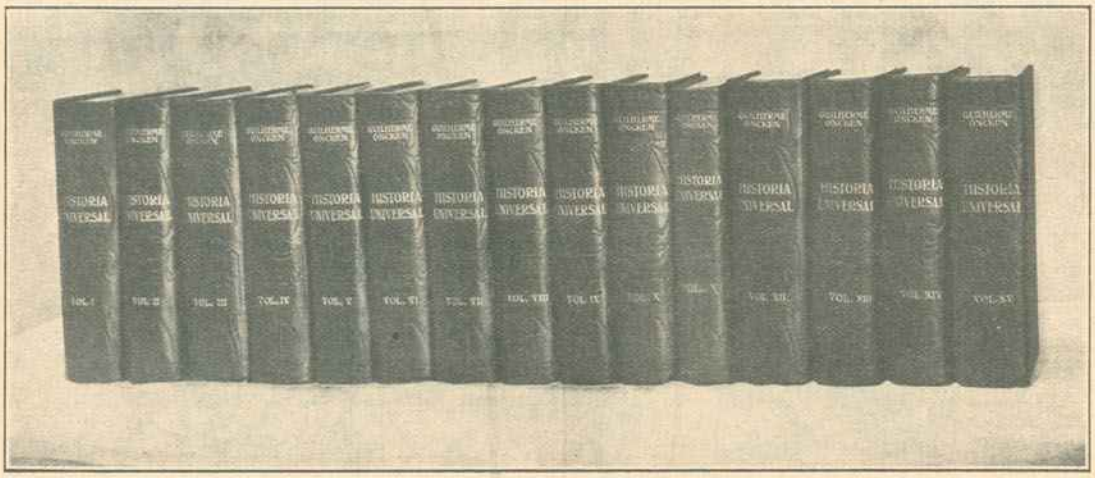
O anterior record do mundo estabelecido por Malcolm Campbell tambem foi usando gazolina e oleos SHELL.

Automobilistas, segui o exemplo dos peritos e escolhei sempre SHELL

Shell Gazolina & Oleos de Lubrificação

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.ª LTD.

OBRA MONUMENTAL

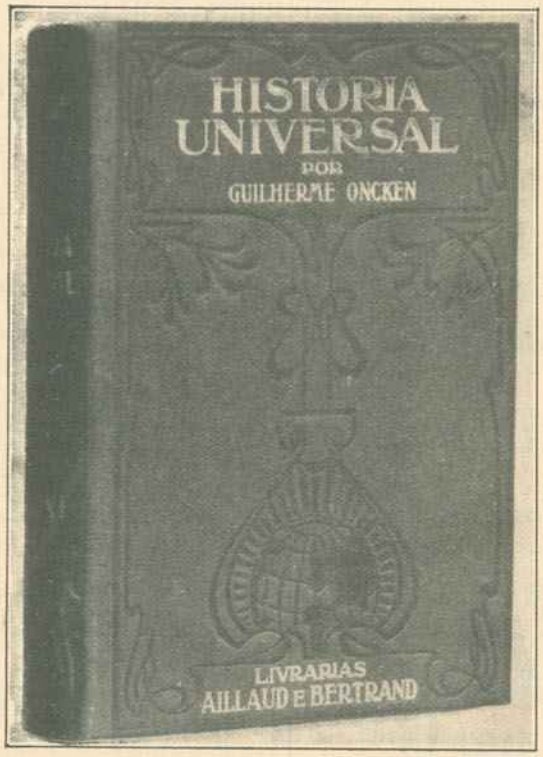


HISTORIA UNIVERSAL

POR

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e presentemente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais scientifica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste gênero se tem tentado em lingua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc., etc. Impressa em explêndido papel, hors-textes em papel couché, in-4.°. — Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume.



Já publicados:
91 tomos = 15 volumes.

10 °/₀ de desconto

a todas as pessoas que adquirirem os 15 volumes duma só vez

Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada vol., enc.	65$00
Cada tomo, br.	8$00
Encadernação por cada vol.	25$00
Capas para a encadernação	15$00

Pedidos aos editores: LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRANDE NOVIDADE LITERÁRIA a publicar-se em Janeiro de 1927

MAGAZINE BERTRAND

LEITURA PARA TODOS

PUBLICAÇÃO MENSAL

▪ ▪ ▪ ▪

O *Magazine Bertrand*, a maior publicação do género em língua portuguesa, insere nas suas 100 páginas de texto, ilustradas com magníficas gravuras

CONTOS, NOVELAS, ROMANCES, ELEGANCIAS, CINEMATOGRAFIA, HUMORISMO, TEATROS, ARTE ANTIGA E MODERNA, PASSATEMPOS, VIDA LITERÁRIA, INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS, GRAFOLOGIA, CONSULTÓRIO DE BELEZA, ÁLBUM ARTÍSTICO FOTOGRÁFICO, CONCURSOS SENSACIONAIS, VULGARIZAÇAO SCIÊNTÍFICA, ETC.

da autoria dos mais prestigiosos nomes literários e scientíficos de Portugal

O MAGAZINE BERTRAND

será o único magazine que se publica em língua portuguesa e cuja expansão irá a tôdas as colónias portuguesas, ilhas, Brasil e estrangeiro.

Tiragem inicial 20.000 exemplares mensais.

▪ ▪ ▪ ▪

Esta magnífica revista, profundamente moral e educativa dentro da sua missão de recrear deleitando, será o único

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

ASSINATURAS

	Trimestre	Semestre	Anual
Continente e Ilhas ...	15$00	30$00	60$00
Colónias:			
África Ocidental e Oriental	16$50	32$00	64$00
India, Macau e Timor	18$00	36$00	72$00
Espanha	16$00	32$00	64$00
Estrangeiro	20$00	40$00	80$00

Número avulso, 5$00

POR 5$00 MENSAIS TODO O PORTUGUÊS DEVE ASSINAR O MELHOR MAGAZINE DA LINGUA PORTUGUESA

▪ ▪ ▪ ▪

Todos os pedidos de assinaturas, devem ser dirigidos, acompanhados da respectiva importância à

Redacção e Administração:

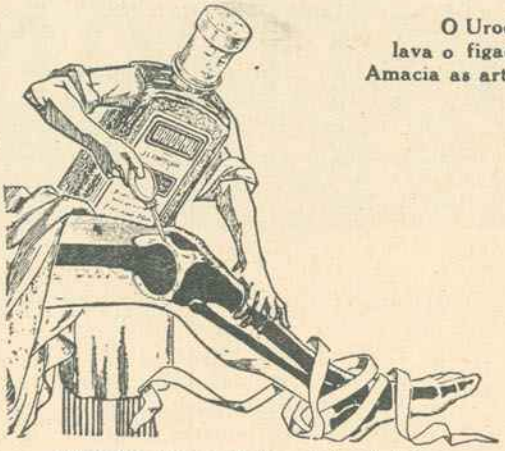
RUA ANCHIETA, 25 — LISBOA

(Livrarias Aillaud e Bertrand)

UROD0NAL

combate o reumatismo

Gota
Eczema
Arterio-Esclerose
Obesidade



O Urodonal limpe o rim.
lava o figado e as articulações.
Amacia as arterias e evita a obesidade.

O URODONAL é anti-artritico incontestado e incontestavel sempre tolerado e sempre util Como o artritismo comprende, citando. só as afecções mais conhecidas, a dyspepsia, a gota as areias, a obesidade, a diabetes o reumatismo, a neurastenia, devendo considerar-se ainda qualquer acidente produzido por infecção e intoxicação actuando ha muito, vemos quanto é vasto o meio de acção do URODONAL, este grande regulador da finidez do sangue e dos humores constantemente engrossados e concentrados nos artriticos.

Dr. MARIN.
Laureado da Faculdade de Medecina de Lyon, ex-interno de Hospitais da Maternidade.

COMMUNICAÇÕES
Acad. de Medecina de Paris, 10 de Nov. 1908.
Acad. de Sciencias de Paris, 14 de Dez. 1908.

Établissements Chatelain
15 GRANDS PRIX
Fornecedores dos Hospitais de Paris, 2 *bis*, rue de Valenciennes.
PARIS

O URODONAL assegura o funccionamento das articulações.

A. VINCENT, LDA—CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS—RUA IVENS, 56—TEL. 1858 C.

AS MEIAS de LINHO
"PRINTEMPS"
são de qualidade
GARANTIDA
Venda exclusiva
AU PRINTEMPS. R. Ivens 56-LISBOA

DENTIFRICOS
BENEDICTINS
DE SOULAC
ELIXIR
PÓ
SABÃO
PASTA
PASTA-SABÃO

UN JOUR VIENDRA

Perfume
Perturbante
Penetrante
ARYS 3, rue de la Paix PARIS

ROYAL WINDSOR
Restitue aos Cabellos
a sua côr primitiva.
Á VENDA NAS PRINCIPAIS
FARMACIAS E DROGARIAS

TEINDELYS
Creme para o rosto

Mantem o pó e assegura uma excelente carnação
dá uma Côr de Lyz
ARYS 3, rue de la Paix PARIS

TEINDELYS

ARYS
3, Rue de la Paix
PARIS
Pó adherente
Impalpavel
(todas as côres)

COMPOSIÇAO E IMPRESSÃO
TIP. DA EMPRÊSA DO ANUÁRIO COMERCIAL
P. dos Restauradores, 24-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO 1.º — NUMERO 23 | PUBLICAÇÃO QUINZENAL | 1 DE DEZEMBRO DE 1926

A CERIMÓNIA LITÚRGICA DA INAUGURAÇÃO DO 3.º CONCILIO PLENÁRIO PORTUGUÊS, NA SÉ DE LISBOA

CRÓNICA DA QUINZENA

O CULTO DA CIDADE

Se ainda há sobreviventes do Passeio Público, se ainda existem pessoas que vibraram de indignação, quando a energia e o bom senso estético de Rosa Araujo, aliando-se num supremo esfôrço, arrazaram o velho recinto sob cujas árvores Lisboa passeiou entre encontrões e poeirada, durante mais dum século, como essas pessoas, já veneráveis e venerandas, devem sentir-se compensadas, se nelas ainda há a sombra do velho ressentimento, com o desmanchar da Praça dos Restauradores, a que a Câmara, há dias, deu princípio.

A Praça dos Restauradores foi, nesse tempo já distante, a ponta por onde se pegou na demolição do Passeio Público.

O obelisco comemorativo entrou-lhe nos muros veneráveis e foi desde logo uma ameaça contra a integridade do recinto, a que a Lisboa conservadora de então queria como a um lugar clássico e tradicional de romagem.

Por ali, junto às fontes complicadas de ninfas e tritões ou nas áleas frondosas, que as grades ladeavam, a Lisboa romântica e ultraromântica amou ou namorou, que é esta a forma ingénua de amar, que os nossos costumes austera e felizmente conservam, com uma pontinha de sentimento e de ternura que dão beleza a prosa do contracto ante-nupcial. Mais do que de fôlhas de árvores amarelecidas, se enchiam, nos merencórios outonos, de saüdades as ruas desertas do Passeio. O vento, que se desgrenhava entre os troncos despidos da folhagem, iria decerto dizendo as plagêencias lúgubres dos poetas tristes e amanuenses, que tinham andado, no verão decorrido, de calça branca e chapéu de palha, a semear amores fatais em peitos débeis que a tisica, então em moda, ia minando.

Foi contra esta tradição de sentimentalismo e hábito que Rosa Araujo, o renovador, ergueu o camartelo iconoclasta. E Lisboa vibrou, dôcemente como então Lisboa vibrava, contra a irreverência e citaram-se as nossas glórias, Ormuz e Bombaim perdidos, para justificar as acusações à falta de patriotismo e de tradicionalismo que autorisava e mandava executar a demolição do Passeio Público.

Dessa salêta de Lisboa de há mais de cincoenta anos nos ficou a recordação suave, que vive na memória das nossas mães, do seu tempo de meninas e, como preciosa reconstituição vivida, Eça de Queirós arquivou no «Primo Basilio», em páginas imortais e perfeitas, a estonteada volta que Luisa faz pelo passeio, no nervosismo já ciumento que precede a burguesíssima tragédia do adultério da Patriarcal Queimada, tão emocionante e de fecundo exemplo na dolorosa verdade da pena que a criou.

Como pode parecer que a crónica, neste evocar dum facto que ficou célebre nos anais da cidade, condene a obra municipal de arejamento e descongestionamento de Lisboa, aqui se declara já que, àparte a emoção natural de ver assassinar, a golpes de machado, as olaias que se preparavam para florir-se dum lindo carmezim na primavera próxima, a crónica recebe bem tudo o que fôr contribuição para o embelezamento desta cidade, feita, quási tôda, no *tróxe-móxe* das vereações que se apressam a realizar um programa, que quási sempre é, por obrigação partidária vasado em moldes inteiramente opostos aos da vereação anterior.

Lisboa, que a Natureza fez formosa, é como certas mulheres bonitas que teimam em enfeitar-se com o que lhes fica mal e as desfeia.

O critério, tão seguido, tão absurdo, do que «se faz lá por fora» tem desnacionalisado a cidade, principalmente na sua parte moderna, em que abundam os telhados suissos, as frontarias italianas, as mansardas francesas, os jardinêtes à inglesa e onde nem uma só nota peninsular de construção assinala a evocação das airosas edificações tradicionais, com uma defesa inteligente contra os extremos do clima, uma estética caracteristica e uma linha inédita, formando um conjunto novo para os olhos habituados à repetição banal das mesmas casas, nas mesmas ruas, numa cidade que é sempre a mesma em qualquer parte do mundo.

Não cabem em Lisboa, cortada de vales profundos e alçando-se em bruscas encostas, as perspectivas de segura harmonia que embelezam Paris, mas na imaginação criadora de arquitectos e engenheiros há decerto recursos abundantes para um estético aproveitamento das condições naturais, de forma a fazer de Lisboa uma metrópole moderna, em que os defeitos de grande cidade, que já tem em larga escala, se diluam ou se apaguem nas vantagens e no aspecto duma capital de verdade.

O ideal a atingir resumir-se-ia a conseguir que Lisboa não fôsse o provinciano burgo do Passeio Público, nem tivesse as audácias impróprias duma metrópole do Luxo.

ALFREDO DE MORAES

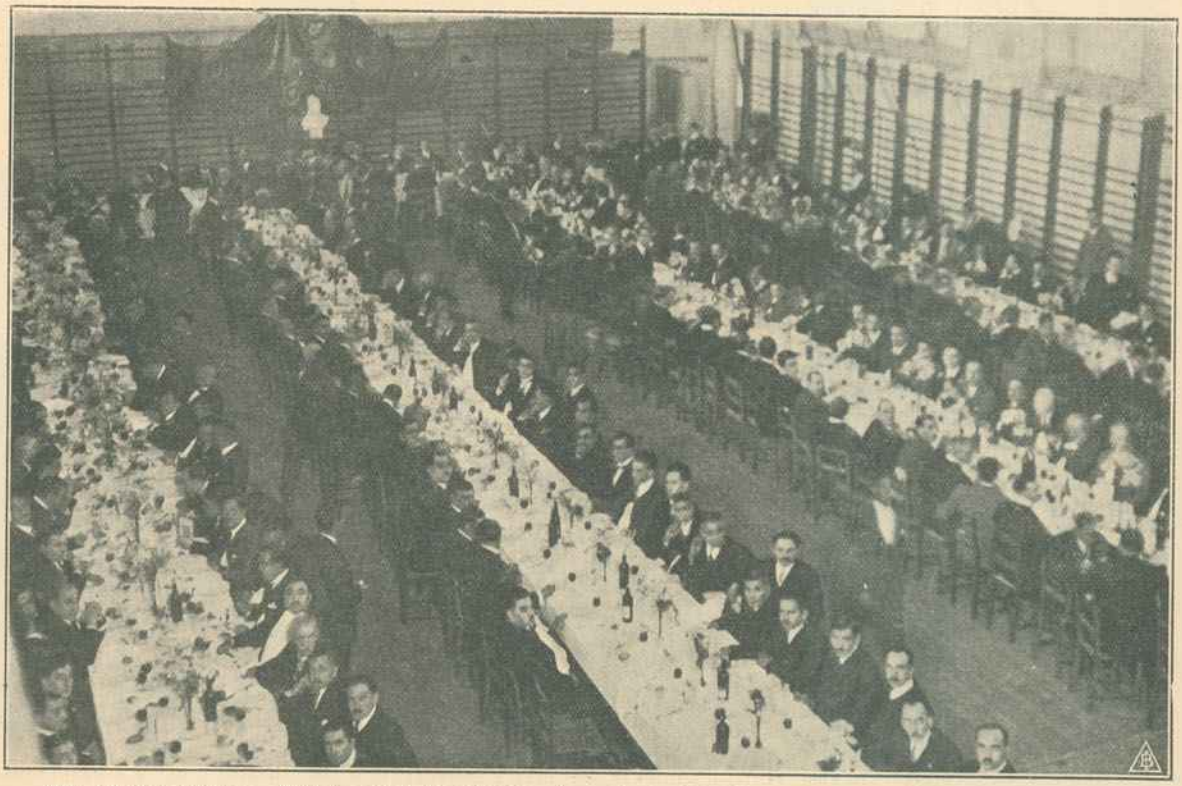
A FEIRA DA AGONIA

Tem a «Ilustração» procurado oferecer aos seus leitores uma variada galeria de reproduções de quadros de artistas portugueses. Ainda que o meio não tenha os recursos materiais e de vasta cultura, indispensáveis ao incentivo de que a Arte necessita para ser cultivada e desenvolvida, é a pintura uma das manifestações artísticas que reune mais valiosa produção.

Aqui temos dado, nos nossos *hors-texte* reproduções de quadros de artistas consagrados, uns por um juizo já imutável, outros por uma opinião firme, que nem por a sua obra estar prosseguindo é de fácil modificação. Mas nem só o passado, nem só a consagração nos merece registo. Com o presente número oferece a «Ilustração» aos seus leitores um trabalho do distinto aguarelista, sr. Alfredo de Moraes, uma página vivida das nossas romarias populares, a Feira da Agonia, em que há côr, luz em vibração e um fundo cunho português.

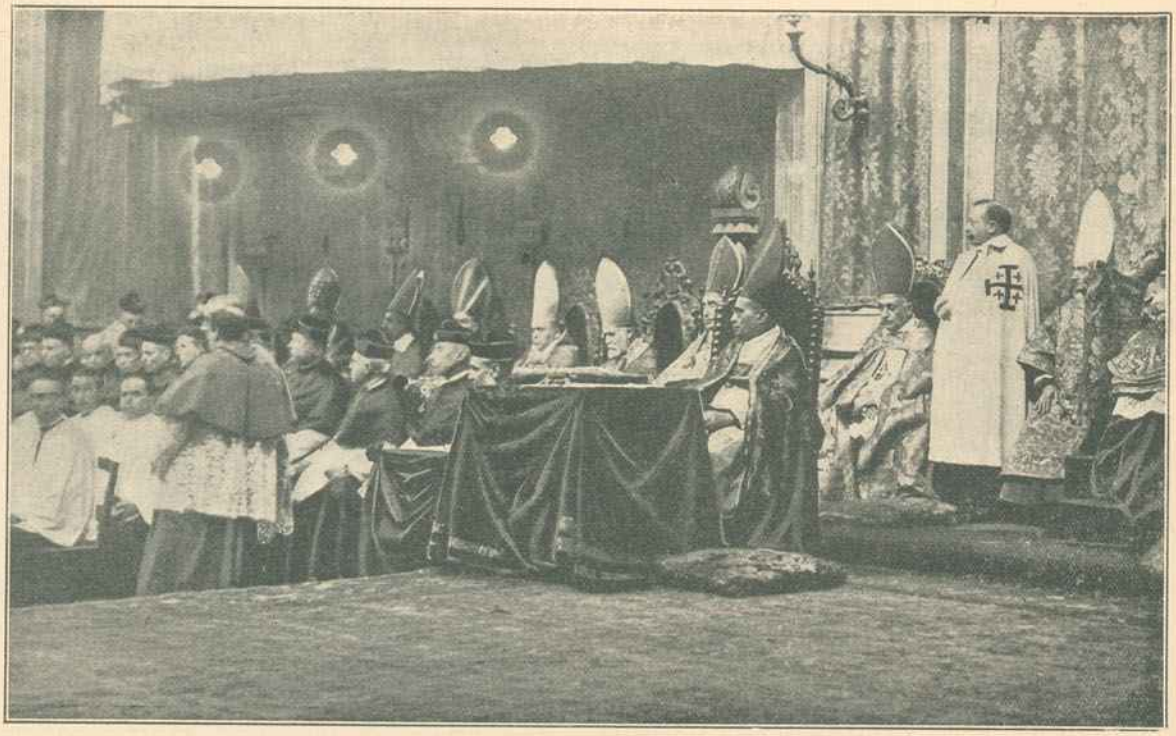
ACTUALIDADES

NA EMBAIXADA DO BRASIL. — Comemorando o aniversário da proclamação da República Brasileira, o sr. Embaixador do Brasil deu uma recepção na Embaixada, que esteve numerosamente concorrida, tendo comparecido o corpo diplomático acreditado em Lisboa, representantes do govêrno e do alto funcionalismo da República



HOMENAGEM AO SR. CUNHA LEAL. — Aspecto do ginásio do liceu de Camões, onde se realizou um almôço de homenagem ao antigo ministro e deputado, sr. Cunha Leal, chefe da União Liberal Republicana, que reuniu cêrca de seiscentos convivas

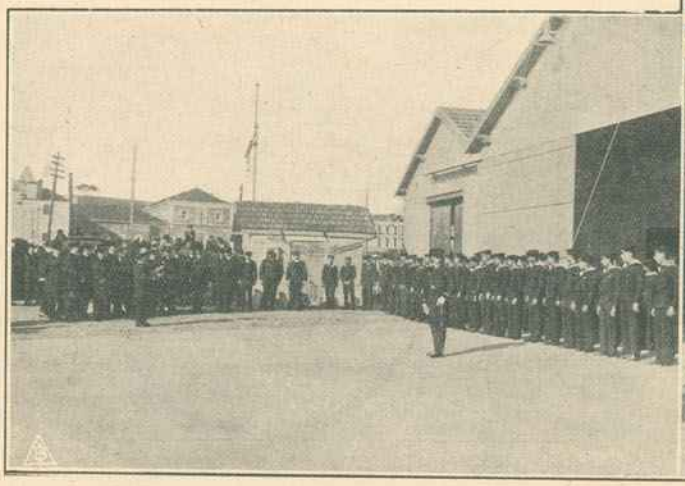
ACTUALIDADES



O Concílio Plenário. — Pela terceira vez, em oito séculos de nacionalidade, o clero português reuniu em concílio plenário. A cerimónia inaugural, de que nesta página damos alguns aspectos, teve uma rara imponência no seu significado de complexa liturgia. Quási todos os prelados portugueses tomaram parte nesta assembléa magna de cleresia nacional, em que importantes assuntos, que interessam á Igreja, devem ter sido tratados no rigoroso sigilo de que as sessões do concílio se revestiram. — *Em cima:* na capela-mor da Sé, durante a cerimónia de abertura, a que presidiu Sua Eminência, o sr. Cardeal Patriarca

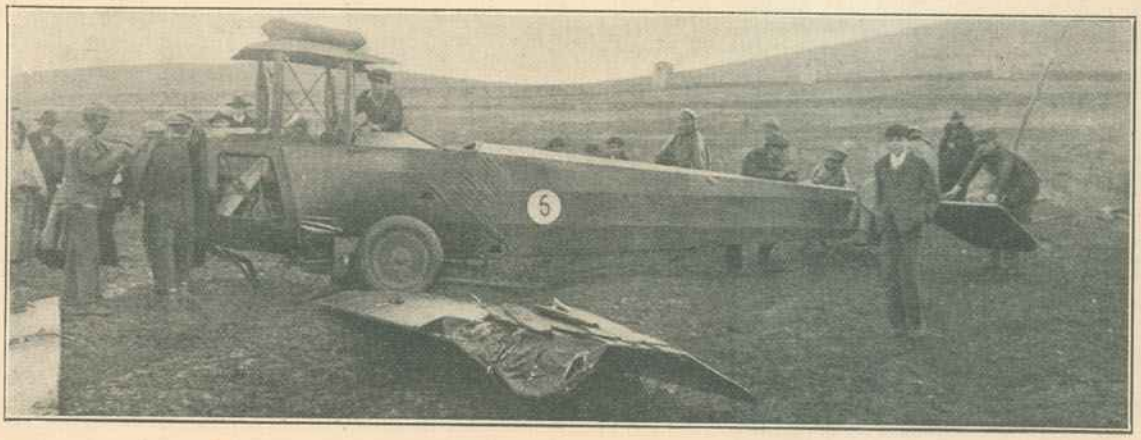
Dois aspectos do cortejo de inauguração do Concílio Plenário, que percorreu as naves da Sé — *Á esquerda:* A testa do cortejo, vendo-se representantes da Ordem Terceira de S. Francisco e os alunos do Seminário de Santarem. — *Á direita:* o sr. Cardeal Patriarca, sob o pálio, fechando o cortejo

ACTUALIDADES



No centro da aviação marítima. — Comemorando o segundo aniversário do desaparecimento do malogrado e heróico aviador, comandante Sacadura Cabral, realizou-se uma impressionante cerimónia, em que tomaram parte os aviadores da armada e do exército. — *A esquerda:* O comandante Aires de Sousa, lendo uma alocução na parada do Centro. *A direita:* O almirante Gago Coutinho, companheiro de Sacadura Cabral no *raid* Lisboa-Rio, lendo o seu discurso, vendo-se ao fundo o comandante Almeida Henriques e major Cifka Duarte

No quartel do 1.º grupo de metralhadoras. — O chefe do govêrno, na sua visita àquele quartel, falando com o comandante do grupo, capitão Jaime Baptista. — Comandante da polícia. — A corporação da Polícia de Segurança ofereceu ao seu comandante, tenente-coronel, sr. Ferreira do Amaral, uma artística espada de honra, tendo-se realizado a cerimónia da entrega em presença da corporação, no Terreiro do Paço



Os desastres da aviação. — Aspecto do avião que, há dias, capotou, por se ter deslocado uma das asas, em pleno vôo

ACTUALIDADES

Aspecto do desmoronamento duma casa na rua da Vitória, no Porto, tendo-se salvo os habitantes, contudo, alguns dos quais gravemente feridos

O Orfeon Lusitano, do Porto, uma das organizações artísticas, do género, mais antigas do país

O sr. bispo do Porto, saindo do templo da Trindade, depois de celebrar a missa de sufrágio pelos bombeiros mortos no incêndio da Boa Vista

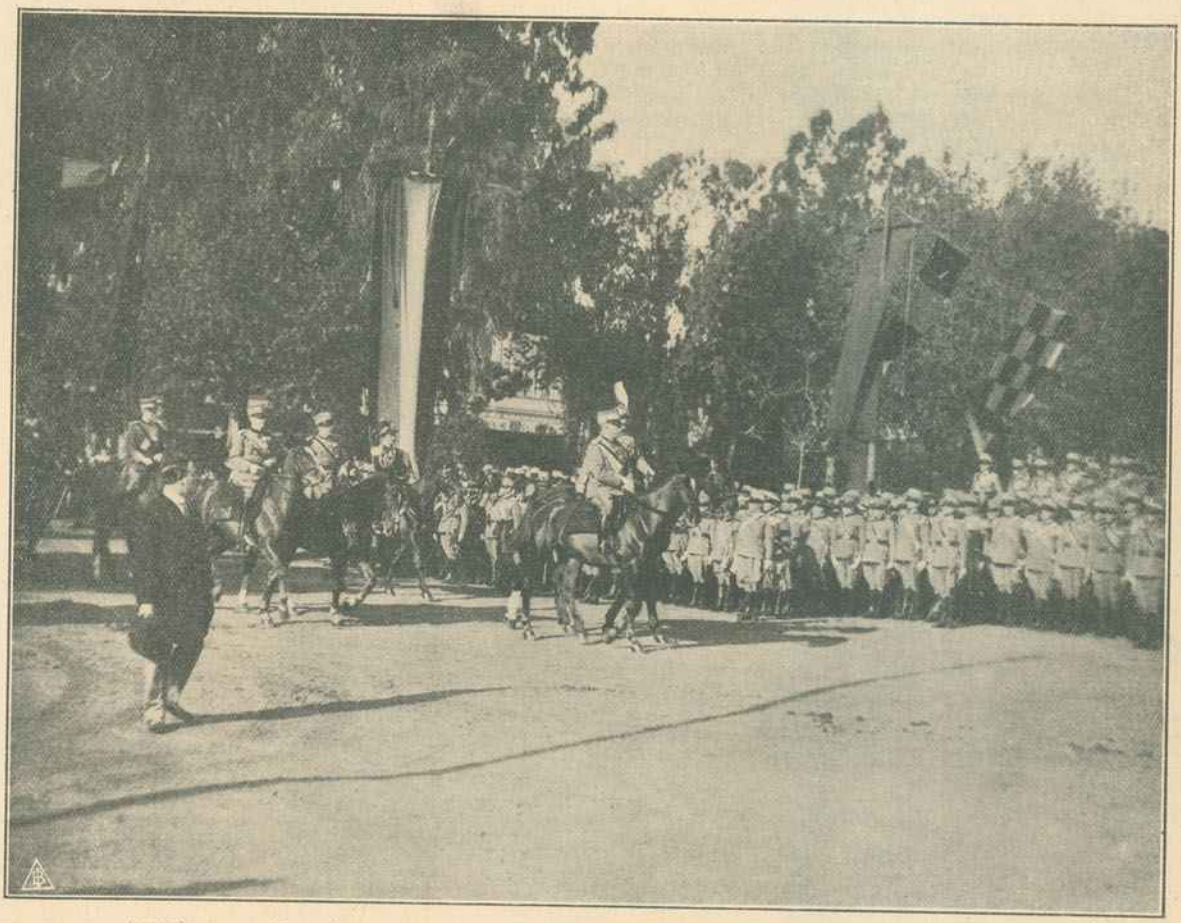
Maquette do monumento a Alfredo Keil, artista-pintor e músico distinto, obra do insigne escultor Teixeira Lopes, que será erigido na Praça da Alegria em Lisboa

A conferência do escritor, sr. Ruy Chianca no salão nobre da Universidade do Porto

PELO MUNDO FORA

CÁ E LÁ MÁS CASAS HÁ. — Aspecto da derrocada duma casa em construção, na rua Chaillot, em Paris

O ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO EM PARIS. — O desfile das bandeiras, dirigindo-se dos Inválidos para o Arco de Triunfo



ANIVERSÁRIO DO REI DE ITÁLIA. — A grande parada militar de Castro Pretorio. — S. M. seguido do seu Estado Maior, passando revista às tropas

ARTES E ARTISTAS

EXPOSIÇÃO PAULINO MONTEZ — O II SALÃO DO OUTONO

A época artística abriu, êste ano, com a exposição de aguarelas de Paulino Montez, um novo de valor, que nos deu a ver alguns trabalhos muito interessantes de côr e assunto.

Já, na última exposição anual, se destacava uma sua aguarela das Berlengas, adquirida, segundo creio, para o Museu de Arte Contemporânea.

MARTINHO DA FONSECA — *Maria da Graça*

Agora, nesta sua primeira exposição individual, foram ainda as Berlengas e a policromia encantadora de Peniche os temas preferidos, tratados com amoroso colorido, e constituindo uma linda série de ilustrações daquela pitoresca região.

Artista escrupuloso e aplicado, dos que melhor tratam as tintas de água em Portugal, moderno sem estapafurdice, Paulino Montez, embora um pouco infeliz, desta feita, como vendedor, marcou, uma vez mais, como aguarelista — e é o que importa e ennobrece.

*

O primeiro Salão do Outono, organizado, em Janeiro do ano passado, pelo pintor Eduardo Vianna, teve como principal recheio os quadros encomendados para a Brasileira do Chiado. Este segundo Salão, mais em dia com o calendário, e organizado pela *Contemporânea*, compõe-se em grande parte de obras pertencentes ao Bristol-Club. Vê-se, assim, que o modernismo, mais ou menos acentuado, vai talhando o seu caminho. E ainda bem!

Logo à entrada, há um relêvo alusivo à Dança e à Música, — duas musas negras em fundo azul — devido á boa arte de Ernesto do Canto, que tem no n.º 148 mais um dos seus belos grupos maternais, e de quem revimos, com prazer, algumas estatuetas cheias de estilo.

Não escasseia o nu. Eduardo Vianna, ao lado de coisas suas já antigas, como o *K; 4 quadrado azul* ou *O Homem das loiças*, expõe dois nus suculentíssimos, ou seja o mesmo em duas posições: ambos dados com vigor, quási brutalmente, em tons e scenários algo tropicais.

Em contraste suavizante, está, no seu nicho azul e prata, um painel de Almada Negreiros: um nu de mulher com sapatilhas vermelhas, mirando ao espêlho a sua amaneirada futilidade. É uma espécie, *Vie parisienne*, de Venus astral, alongada e translúcida, saída, à marquesinha, do muito talento do autor, que, aos pés daquele corpo de pó de arroz, colocou um seu ascético e esplêndido auto-retrato. Destinado a um vestiário de senhoras, o quadro ficará a galantíssimo rigor.

Vêem-se ainda um nu branco com galgos pretos de Lino António, outro nu negríssimo, africanista, a *Diana do Baruê*, de Menezes Ferreira, e torna a ver-se um nu delicado de Martinho da Fonseca.

No retrato, há coisas muito boas, sobressaindo o do sr. Mario de Freitas Ribeiro, por António Soares, e dois, «o poeta João Cabral e o escritor Victor Falcão,» de Abel Manta. António Soares mostra outros trabalhos dignos de aprêço, entre os quais uma *Quarta-feira de Cinzas*, com óptimas notas da côr melancólica do Carnaval estrebuchante. Uma das suas naturezas mortas tem um belo titulo germanizante: *Vida em silêncio*.

Bem lisboetas certas figuras e aspectos de Jorge Barradas, Francisco Smith e Clementina Carneiro de Moura.

Joaquim Salgado e Guilherme Filipe mandaram tipos regionais.

Mais nomes de expositores: Emmerico Nunes, Bento Correia, Mario Reis, Ricardo Bensaude, Varela Aldemira, Dias Sancho, Sara Afonso, Veloso Côrte-Real, Castanhé, o equatoriano Colombe Silva, com uma *Gitana*, e uma artista espanhola, Margarita Hausmann.

Falta citar Fernando David, com um curioso «Interior» e algumas paisagens, onde a sua volúpia de colorista já faz mais do que prometer.

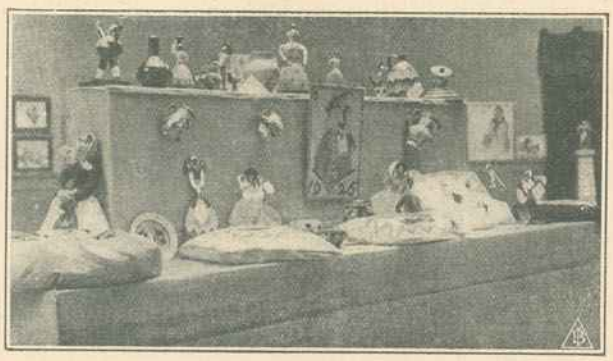
No desenho, salientam-se Lino António e José Tagarro.

Dos arquitectos, estão Norberto Correia, Cottinelli Telmo, Luis Cristino da Silva, de quem Leyêe de Belleau expõe a cabeça em redução, Veloso Reis e Jorge Segurado.

Como escultores, além de Ernesto do Canto, figuram António da Costa e João José Gomes. É de António da Costa o bronze *O Trabalho*, destinado a uma praça de Cuba. Deve convir-se que a figura, bastante parada, não logra elevar-se ao símbolo. É um trabalhador de musculatura volumosa, mas com o ar enfastiado e sorna de muitos operários dos nossos dias. Falta-lhe a dinâmica indispensável, impulso, o dom criador que pretende representar. É-lhe muito superior, assinada pelo mesmo joven escultor, a cabeça de Joaquim Manso, palpitante de semelhança e sensualidade espiritual.

ABEL MANTA — *Retrato do poeta João Cabral*

Na secção «Artes industriais», há a novidade dos trabalhos do Ateliê Ibis, constituído por Bernardo Marques, Sara Afonso e Ofélia Marques. São objectos de uso corrente ou infantil, a que se procurou dar, ás vezes com a maior felicidade, um melhor ou mais engraçado aspecto decorativo nacional: almofadas, brinquedos, barros e vidros pintados, quadros bordados, recortes em madeira. A tentativa está nos começos, mas oxalá se desenvolva e prospere, pois, nêsse capitulo, há por cá muito que fazer e ousar.



Um aspécto do mostruário do «Ateliê Ibis»

*

Era isto o segundo Salão do Outono, que, sem exclusivismos, nem audácias de maior, aberto a todos os processos, até com obras do anterior Salão da Primavera, veio provar que será possível organizar, todos os anos, em perfeita concórdia, sem rivalidades, duas exposições colectivas, para uma mais amiudada convivência dos artistas com o público, já um pouco fatigado de tantas exposições individuais.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

ALFREDO DE MORAES—Feira da Agonia em Viana do Castelo

LIVROS E ESCRITORES

Assás prolíferas se têm mostrado, nos tempos últimos, as penas dos Galenos da nossa terra. Sobretudo, as comemorações centenárias das Escolas cirúrgicas de Lisboa e Porto tiveram, sob o ponto de vista da publicação intensiva de memórias e estudos da especialidade, um efeito que, talvez mal comparado, lembra um tanto o das máquinas incubadoras nos ovos das galinhas poedeiras.

Que indicia isto, afinal? Que na classe médica portuguesa há hoje muitos elementos entregues com ardor à investigação, às novas experiências e observações da sciência clínica, ao melhoramento dos processos cirúrgicos e terapêuticos. Em suma, o físico à maneira antiga, saído da escola com sabença para tôda a vida, como aquele João Semana que Júlio Denis nos pintou tão amoràvelmente num dos seus romances, já não existe no nosso tempo, sobretudo porque o mapa nosográfico, de ano para ano, de dia para dia quási, vai tendo tão espantosamente ampliados e sub-divididos os seus departamentos, que já tem ares de axioma êste dito — não há doenças, mas sim doentes. Dêste modo, com o infinito da patologia diante de si, o médico moderno não se pode entregar a lazeres, nem tão-pouco assimilar apenas a sciência feita: tem êle também de fazê-la e refazê-la a cada momento.

Freqüentemente nos visitam trabalhos desta índole, perante os quais, confessá-lo é nosso dever, não ousamos senão arriscar tímidos comentários. Leigos na matéria, mal podemos ir além da sua simples menção, porque certamente nos meios próprios, nas agremiações profissionais de medicina, lá estarão para as submeter à férula, se dela precisarem os seus autores, os críticos e juízes idóneos.

Singela menção faremos, pois, dalguns opúsculos e volumes de matéria medical que temos aqui presentes.

O sr. dr. A. de Brito Fontes ocupa-se, no texto duma conferência que tencionava proferir durante o centenário da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa mas se viu impedido de realizar, dum capítulo da medicina não muito fora do interêsse de qualquer pessoa culta mas estranha à sua profissão: a acondroplasia. O termo assusta um pouco, é certo, e por isso melhor é dar dêle uma definição para o vulgo: as disformidades do esqueleto humano, de que foi exemplo típico o Padre Santos Farinha, sendo-o também aquela figura popular em Lisboa que todos conhecem pelo «anão do Grandela». O autor, no seu trabalho, «*Esbôço do estado actual dos nossos conhecimentos sôbre a acondroplasia*», estuda êstes casos com empênho de desvendar o mistério que êles ainda constituem no campo patológico.

Aurora Jardim Aranha

Do sr. dr. M. Cerqueira Gomes são dois os trabalhos recebidos: *Introdução ao estudo da electrocardiografia* e *A arte linguagem do sentimento*. Aquele de carácter acentuadamente médico e o segundo, constituído por um discurso pronunciado no Porto numa festa orfeónica, abeirando-se muito da filosofia e da literatura, — um e outro animam-nos a ver no autor não só um profissional estudioso como um espírito preocupado das nobres coisas da arte e da beleza.

Por último, neste feixe de tomos e brochuras esculapinas, apontemos *A cadeira de Medicina Operatória — O seu ensino e as suas necessidades* e *História do Ensino da Medicina Operatória em Lisboa*, de assuntos afins e ambos firmados pelo sr. dr. Álvaro Colaço. A maneira como o publicista aborda a matéria e a desenvolve, sobretudo no segundo trabalho, que abrange ainda um estudo crítico àcêrca do Prof. Manuel Constâncio, levam-nos a vaticinar para êstes dois estudos um movimento de interêsse fora do usual nas esferas competentes para bem poderem apreciar o seu conteúdo.

E, agora, para fechar desta feita a cancela do campo científico, onde andamos como apressados turistas, que tudo olham e pouco vêem, registemos também uma pequena mas não insignificante contribuição para o estudo da flora fóssil portuguesa, devida ao sr. dr. Raúl de Miranda, assistente da Faculdade de Sciências da Universidade coimbrã. É o género *Clathropteris*, encontrado no triássico português, que é objecto, nestas páginas, da sua cuidada observação.

José Osório de Oliveira

Está a novela procurando aproximar-se, entre nós, do estado florescente que há muito conquistou lá fora. Semana sim, semana não, surgem em língua portuguesa manifestações novas dêsse progresso. Ao passo que os romancistas se retraem cada vez mais, fechados num silêncio que nos traz desconfiados de que todos os que escreviam por estas bandas já entregaram a sua alma ao Criador, sem sequer deixarem herdeiros, — os novelistas, aproveitando a aberta, multiplicam-se, desenvolvem a sua actividade e avançam com ímpeto para o altar-mór da prosa. Usurpação no caso, se considerarmos que o papel de cardeal a quem compete é ao romance? Sim. Mas a culpa doutrem não é senão do romancista, que com a sua inércia cedeu terreno ao produtor da novela, simples caudatário seu nos disciplinados tempos em que cada coisa se conservava no lugar que lhe era próprio e daí não se deslocava, quer para invadir posições superiores, quer tão-pouco para consentir que se instalasse em seu lar o que não podia ser da sua grei.

Até os engenhos femininos, que outrora, salvo raras excepções, se limitavam ao cultivo do jardim poético, estão actualmente assentando praça, em número já sensível, no regimento dos novelistas.

Aurora Jardim Aranha pertence ao núcleo das recém-vindas. Conhecíamo-la já dalguns trabalhos menores, a bem dizer de tirocínio no género, e por isso não nos surpreendeu por aí além o seu volume de agora, passante de duz entas páginas e, portanto, já com o carácter de prova de exame.

O CONCURSO LITERÁRIO DA «ILUSTRAÇÃO»

Está já decorrendo o prazo do

CONCURSO LITERÁRIO

aberto no n.º 21 da Ilustração, *entre os*

ROMANCISTAS E NOVELISTAS PORTUGUESES

e para o qual a nossa revista instituiu dois valiosos prémios de

5.000$00 cada,

assim distribuídos: um, ao autor do livro que um júri competente, composto de homens de letras consagrados, escolher como o melhor concebido e escrito; outro, ao livro que, por sufrágio dos nossos leitores, fôr eleito como o seu preferido, isto é, aquele que mais lhes fez vibrar o espírito.

As condições fundamentais dêste concurso são as seguintes: 1.ª — Só podem concorrer a êle as obras originais que excedam 200 páginas de texto, de autoria portuguesa e editadas em Portugal, em primeira estampa, desde 15 de Outubro último até 15 de Abril próximo futuro; 2.ª — Para tal efeito, os editores destas obras terão de enviar-nos cinco exemplares de cada uma delas, acompanhadas da respectiva declaração de candidatura.

Êste concurso literário, que está despertando, como é natural, o mais vivo interêsse, é já um dos elementos da

FESTA DO LIVRO

que a nossa revista, com a cooperação de todos que têm interêsses espirituais e materiais ligados à expansão da nossa literatura, vai levar a efeito, pela vez primeira, em Portugal, no mês de Junho de 1927.

As oito peças literárias que o constituem, oito novelas autênticas, impõem-nos a obrigação de saüdar nela uma vitoriosa no género — digamo-lo sem hesitações.

Não é a riqueza de linguagem que nos prende nelas, nem tão-pouco o seu vernaculismo: a autora não perdeu tempo a aurilavrar a prosa nem a levou à pia baptismal dos clássicos. O que lhes dá realce, o que nos fêz saboreá-las uma a uma, levando a leitura de fio a pavio, foi a natureza dos assuntos e a forma hábil, viva, nervosa, como a autora as desenvolveu, e isto num estilo desafectado, — a afectação é o maior escôlho das mulheres que escrevem — numa elocução em que o descritivo é feito às pinceladas largas e o diálogo conserva tôda a naturalidade.

Farrapos de vida viva — ainda não dissemos ser êste o título do livro, título não muito rítmico, mas justificado a cada passo no texto — garante, portanto, à autora, não só o ambicionado diploma de novelista, como também uma classificação de louvor.

Mania velha é a nossa de, voltando costas ao Atlântico, estrada direita que nos levaria ao solar hospitaleiro do povo que maiores afinidades, de tôda a índole, tem com o nosso, nos pormos a tôda a hora em bicos de pés, na ânsia de não perdermos pitada do que vai além dos Pirenéus. No que se entende com a literatura, ensaiar, título que a autora tirou de Dostoïevsky, e *A Sogra*, esta dum acento realista que nos corta a alma.

No opúsculo que José Osório de Oliveira acaba de publicar, exactamente sob o título, que calça o assunto como uma luva, de *Literatura Brasileira*.

No âmbito desta meia centena de páginas, que Carlos Malheiro Dias prefacia em termos que sobejamente abonam o alcance lusitanista e o mérito do trabalho em questão, o autor, decidido, ao que parece, a implantar aqui tal espécie de estudos críticos, passa em revista os poetas, ensaistas, romancistas, cronistas do Brasil moderno, fazendo a propósito de cada um o seu comentário, sem se dispensar também, sempre que isso lhe é possível, de nos dar um pequeno trecho do escritor citado, processo êste que só vantagens tem.

De Elysio de Carvalho e de João do Rio, dois

AS «NOVAS BAILATAS» DE ANTÓNIO FEIJÓ

O sr. dr. Agostinho de Campos, inteligência de tão firme reputação na crítica literária, escreveu, a pedido da nossa revista, as seguintes linhas de comentário ao último feixe de versos póstumos de António Feijó, que acaba de ser pôsto à venda:

O livro «Novas Bailatas» é uma segunda série de poesias no genero das que o poeta em vida deu à estampa sob o titulo de Bailatas *e com o pseudónimo de Inácio de Abreu e Lima. Luis de Magalhães, no prefácio do* Sol de Inverno, *definiu-as admiràvelmente nos seguintes termos: «Originalissimas poesias, misto singular de ironia e sensibilidade, de graça bufa e de melancolia, que às vezes parecem ter sido escritas por um Pierrot ao mesmo tempo sentimental e charivárico. Nelas há, realmente, um fino espirito de farsa, um estranho tom joco-sério, transições bruscas da emoção para a gargalhada, da folia incoerente para as lágrimas. A farsa mais grave termina numa saida jogralesca, a fantasia mais cómica detona num grito de dor...»*

Tais são, na essência, êsses versos com cuja elaboração o poeta «que morreu de amor» ainda se entretinha poucos meses antes de morrer. Quanto à forma, basta serem de António Feijó para se saber que constituem perfeitissima arte, lições brilhantes e comunicativas de metrificação, de ritmo e de rima, como só as poderia dar um dos maiores artistas que teem versejado em lingua portuguesa.

Discretamente se escolheu, para acompanhar o volume, o retrato romântico de Feijó que aqui reproduzimos. E, para mostrar aos leitores a alta qualidade da matéria poética contida nas Novas Bailatas, *a seguir transcrevemos dentre elas a poesia intitulada SAIAS:*

Amei-te de saias curtas,
No tempo em que eras menina;
Do quintal por entre as murtas,
Da praia na areia fina.

Depois, de saias compridas,
No tempo das ilusões...
Que beijos às escondidas!
Que valsas pelos salões!

Mais tarde, as saias estreitas,
Amei-te de travadinha...
Oh curvas mais que perfeitas!
Sinuosidade da linha!

Depois — a mim não te furtas!
Amei-te, passados anos,
Outra vez de saias curtas,
Mas com as botas de canos!

Já vês... que importam as saias?
A minh'alma é sempre tua,
Tua, mesmo que tu saias
Nua, ou de calças, à rua!

Nua, sim! nua ou de calças!
Sedas e enfeites, que são?
Como as botas que tu calças,
Acessórios na paixão!

A essência é a chama erradia
Que o teu olhar acendeu,
E em mim fixou, certo dia
Que se encontrou com o meu...

Chama a tremer tão distante,
Tão longe, na Mocidade,
Como uma estrelinha errante
No céu da minha saüdade.

Há como que um *leit-motiv* nas novelas de Aurora Jardim Aranha: a situação dramática da mulher nos lares mal-constituídos. Em quási tôdas elas aparecem essas figuras doloridas de mal-casadas, estendendo mãos súplices para a vida, que lhes nega o direito de amarem e de serem felizes no amor. Aurora Jardim Aranha ergue com tanto poder de sugestão êsses quadros íntimos que, se não temêssemos cair numa hipótese arriscada, diríamos fruto amargo da consagrada sciência de experiências feita essa exactidão de desenho e de tons na pintura dos pequeninos infernos domésticos.

Em obras assim fragmentárias, há sempre motivo para preferências: as nossas recaíram no *Amar é dar ao outro o direito de nos tiranizar*, título que a autora tirou de Dostoïevsky, e *A Sogra*, esta dum acento realista que nos corta a alma.

Farrapos de vida viva — ainda não dissemos ser êste o título do livro, título não muito rítmico, mas justificado a cada passo no texto — garante, portanto, à autora, não só o ambicionado diploma de novelista, como também uma classificação de louvor.

Mania velha é a nossa de, voltando costas ao Atlântico, estrada direita que nos levaria ao solar hospitaleiro do povo que maiores afinidades, de tôda a índole, tem com o nosso, nos pormos a tôda a hora em bicos de pés, na ânsia de não perdermos pitada do que vai além dos Pirenéus. No que se entende com a literatura, ensaiar, título que a autora tirou de Dostoïevsky, e *A Sogra*, esta dum acento realista que nos corta a alma.

No opúsculo que José Osório de Oliveira acaba de publicar, exactamente sob o título, que calça o assunto como uma luva, de *Literatura Brasileira*.

No âmbito desta meia centena de páginas, que Carlos Malheiro Dias prefacia em termos que sobejamente abonam o alcance lusitanista e o mérito do trabalho em questão, o autor, decidido, ao que parece, a implantar aqui tal espécie de estudos críticos, passa em revista os poetas, ensaistas, romancistas, cronistas do Brasil moderno, fazendo a propósito de cada um o seu comentário, sem se dispensar também, sempre que isso lhe é possível, de nos dar um pequeno trecho do escritor citado, processo êste que só vantagens tem.

De Elysio de Carvalho e de João do Rio, dois

Há como que um *leit-motiv* nas novelas de Aurora Jardim Aranha: a situação dramática da mulher nos lares mal-constituídos. Em quási tôdas elas aparecem essas figuras doloridas de mal-casadas, estendendo mãos súplices para a vida, que lhes nega o direito de amarem e de serem felizes no amor. Aurora Jardim Aranha ergue com tanto poder de sugestão êsses quadros íntimos que, se não temêssemos cair numa hipótese arriscada, diríamos fruto amargo da consagrada sciência de experiências feita essa exactidão de desenho e de tons na pintura dos pequeninos infernos domésticos.

Em obras assim fragmentárias, há sempre motivo para preferências: as nossas recaíram no *Amar é dar ao outro o direito de nos tiranizar*, título que a autora tirou de Dostoïevsky, e *A Sogra*, esta dum acento realista que nos corta a alma.

Farrapos de vida viva — ainda não dissemos ser êste o título do livro, título não muito rítmico, mas justificado a cada passo no texto — garante, portanto, à autora, não só o ambicionado diploma de novelista, como também uma classificação de louvor.

Mania velha é a nossa de, voltando costas ao Atlântico, estrada direita que nos levaria ao solar hospitaleiro do povo que maiores afinidades, de tôda a índole, tem com o nosso, nos pormos a tôda a hora em bicos de pés, na ânsia de não perdermos pitada do que vai além dos Pirenéus. No que se entende com a literatura, ensaiar, título que a autora tirou de Dostoïevsky, e *A Sogra*, esta dum acento realista que nos corta a alma.

No opúsculo que José Osório de Oliveira acaba de publicar, exactamente sob o título, que calça o assunto como uma luva, de *Literatura Brasileira*.

No âmbito desta meia centena de páginas, que Carlos Malheiro Dias prefacia em termos que sobejamente abonam o alcance lusitanista e o mérito do trabalho em questão, o autor, decidido, ao que parece, a implantar aqui tal espécie de estudos críticos, passa em revista os poetas, ensaistas, romancistas, cronistas do Brasil moderno, fazendo a propósito de cada um o seu comentário, sem se dispensar também, sempre que isso lhe é possível, de nos dar um pequeno trecho do escritor citado, processo êste que só vantagens tem.

De Elysio de Carvalho e de João do Rio, dois espíritos de eleição que cedo, no apogeu da vida e do talento, a morte arrastou para o seu negro tálamo, dois espíritos que tanto souberam amar o nosso Portugal, fala José Osório de Oliveira com especial e comunicativa comoção. Foram mesmo êstes os pontos do opúsculo *Literatura Brasileira* que mais nos conseguiram interessar, pela vibração anímica que lhes transmitiu o autor, novo pioneiro do estreitamento intelectual das duas nações que, ambas à beira do Atlântico e com tantos interêsses comuns, como comum foi o seu passado, não devem perder-se de vista um único momento.

CÉSAR DE FRIAS.

DESPORTOS

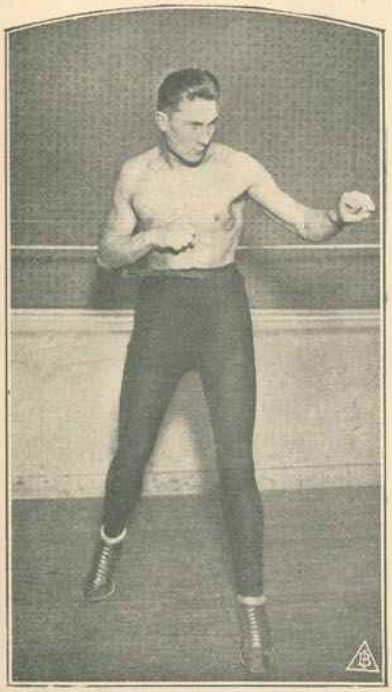
Uma fase animada do encontro Bemfica-Vitória

FOOT-BALL

Após a quinta jornada do campeonato de Lisboa, a posição dos diferentes Clubs mantem-se sensivelmente a mesma.

Dos encontros realizados, devemos destacar os que tiveram lugar no Campo das Amoreiras entre o Vitória-Bemfica e o Sporting-Belenenses.

No primeiro, a vitória pertenceu ao Club de Setúbal que dominou nitidamente o seu adversário, impondo a sua excelente técnica e boa classe. O Vitória é quanto a nós o melhor team de foot-ball que temos actualmente em Portugal; as suas exibições são sempre correctas, exibindo um bom jôgo. Contudo o que mais nos faz admirar o Vitória, é a sua grande regularidade, que significa superioridade técnica sôbre os seus adversários.



Al Gener em guarda

Encontra-se actualmente classificado em 2.º lugar, separando-o apenas 1 ponto do 1.º classificado, o Belenenses, que tendo triunfado do Sporting por 3 goals a 1, se encontra à cabeça do campeonato.

O jôgo Belenenses-Sporting foi bom e disputado com grande entusiasmo até à altura em que o campeão de Lisboa marcou o seu segundo goal. Daí por diante o Sporting jogou vencido e o Belenenses dominou nitidamente. Esta derrota coloca o Sporting em 3.º lugar distanciando do «leader» de 3 pontos, diferença esta muito sensível e que difícil será aos «Leões» recuperar.

Os nossos clubs começam agora a adquirir a sua forma, deixando ainda contudo muito a desejar quanto a técnica, excepção feita do Vitória como acima dissemos.

O próprio campeão de Lisboa faz o seu jôgo todo em fôrça e velocidade, empregando grande entusiasmo na disputa da bola e realizando, é certo, com bastante felicidade. O seu grupo tem elementos bons e fisicamente tem boa preparação, mas falta-lhe ainda o saber jogar. Tem o grande defeito de se exceder por vezes nas cargas ao «keeper», o que lhe traz grandes sensaborias e o indispõe contra o público, factor êste que tem a maior importância.

Nesta jornada desportiva, há a registar também os resultados dos outros encontros, que não eram esperados. O Carcavelinhos empatando com o Império vê a sua posição retardada pois que a vitória, o teria classificado em 3.º lugar, com 12 pontos. Começou o campeonato jogando em boa forma e está actualmente a decair, talvez por excesso de jôgo. A sua linha dianteira não executa nem realiza o seu jôgo tão característico a que por vezes temos assistido.

É contudo um bom grupo e que na segunda volta pode causar grandes surprezas.

O Casa-Pia foi derrotado pelo União e esta foi a grande surpreza do campeonato. A derrota dos Casapianos comprometeu-lhes decisivamente a boa classificação a que aspiravam, pois que se encontram actualmente em último lugar. O «team» de Belem conta com excelentes elementos individuais mas além de não ser protegido pela sorte, não encontrou ainda a boa combinação. Na segunda volta certamente conseguia melhores resultados a que aliás tem direito.

Não queremos deixar de registar a vitória do União que, de dia para dia vem acusando sensíveis progressos.

Bom conjunto, muita alma e ausência de azes, tornam o grupo de Santo Amaro um adversário perigoso para qualquer dos nossos grupos

BOX

Publicamos hoje a fotografia de Al Gener, o boxeur pesado Esquimau, que é uma das novas esperanças nos meios pugilisticos. Al Gener mede 1m,98, pesa 93 quilos e a sua envergadura é de 2m,08. Tem, como se vê, esplêndidas condições físicas para vir a ser um campeão e só nos resta aguardar os seus próximos combates para podermos apreciar as suas qualidades quando em acção.

Miss Belle White executando um arriscado salto em Torquay (Inglaterra)

BERNARD SHAW E O PRÉMIO NOBEL

Como introito dêste pequeno artigo a respeito de Bernard Shaw, não nos parece ocioso, pelo menos para elucidar aqueles dos nossos leitores que dêle possuam insuficiente informação, dizer algo sôbre a origem e o significado do prémio Nobel, que acaba de consagrar o dramaturgo famoso do *Pigmalião* e da *Santa Joana*.

Alfredo Bernardo Nobel, filho dum industrial de torpedos e nascido em Estocolmo em 1833, nem cedo se sentiu atraído pelas experiências químicas, nas quais, mercê da sua inteligência criadora e do seu estudo perseverante, veio a realizar importantes descobertas, que lhe outorgaram celebridade e grande fortuna.

O uso da nitro-glicerina como explosivo, que não isentou um dia o sábio químico do pesado tributo da destruição completa do seu laboratório, a invenção duma nova espécie de pólvora sem fumo logo adoptada por todos os exércitos, e ainda o emprêgo da dinamite na maioria dos países da Europa e da América, onde chegou a ter quinze fábricas laborando sob a sua responsabilidade, em tudo isto, além doutras melhorias introduzidas na química ao serviço da arte de matar, o nome de Nobel aparece orgulhoso e temível, como o dum deus que outra coisa não visa senão inspirar e facultar aos homens o seu mútuo exterminio. Verdade é que, sôbre estas mesmas matérias explosivas poderem ter aplicação estranha à actividade militar, ao notável sábio também são devidas diversas descobertas de índole pacífica, como, por exemplo, a do método para a distilação contínua do petróleo, que foi a base da indústria petrolífera da Rússia e que, segundo se presume, constituiu a melhor, a mais caudalosa fonte da riqueza do grande químico da Escandinávia.

Em 1896, em San-Remo, Nobel falecia depois de ter disposto, no ano anterior, o mais generoso e inteligente testamento de que há notícia. Por êle e com os fabulosos rendimentos das fábricas do célebre inventor, rendimentos que ascendiam naquela data a 30 milhões de corôas, ficaram instituídos cinco prémios anuais, cada um de 120:000 corôas, concedidos sem restrição de sexo, raças ou nacionalidades, a saber: um, a quem no domínio da física produza descoberta notável ou introduza melhorias sensíveis; outro, ao indivíduo que com êxito idêntico opere no campo da química; o terceiro, ao estudioso a quem se devam avanços importantes nas sciências fisiológica e médica; o quarto, ao escritor que publique a mais bela obra, no sentido de ideal; e, por último, o quinto, à individualidade que de forma mais activa e acertada actue em favor da paz universal.

Se algumas das suas descobertas, de carácter mortífero, por vezes nos apresentam a inteligência de Nobel sob um aspecto menos simpático, sempre que evocamos êste testamento, sempre que lembramos as suas cláusulas, penetradas dum alto sentido da vida e da humanidade, de pronto aquela primeira impressão se nos desvanece: Nobel, se em parte da sua existência foi um factor da destruição, noutra, muito maior, com a instituição dêstes prémios, evidenciou-se como um dos maiores amigos da sciência e do pensamento de todos os tempos.

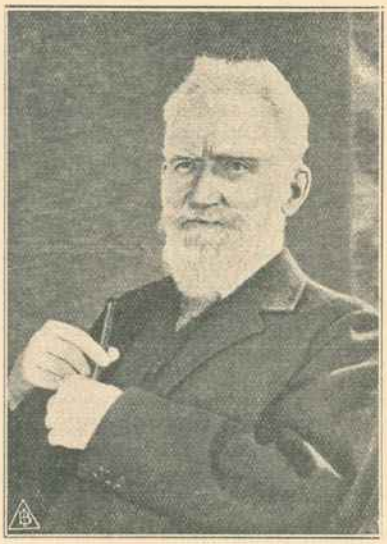
* * *

O prêmio Nobel de literatura, correspondente a 1925, e que nesse ano não tinha encontrado quem fôsse digno dêle, facto que já não é a vez primeira que se dá, foi agora concedido a Bernard Shaw, uma das figuras das letras inglesas mais discutidas, não só na sua pátria como no resto da Europa e na América.

Qual a sua obra que provocou tão subida honra e tão grada recompensa? Provàvelmente, a *Santa Joana*, a que os próprios críticos franceses, desde tempo longo não mui afectos ao irreverente autor do *Homem do Destino*, não negaram aplauso, considerando-a até uma das mais felizes concepções do famoso escritor britânico. Não é mister que nos espraiemos sôbre esta peça, já porque o nosso designio não é analizar obra por obra a produção de Bernad Shaw, já porque ela foi aqui, na nossa revista, objecto de um esplêndido artigo do nosso estimado colaborador, dr. Carlos Amaro.

Basta que tracemos, portanto, o perfil literário do dramaturgo, a que as circunstâncias dão óbvia oportunidade.

Irlandês, pois nasceu em Dublin em 1856, não teve uma juventude acarinhada da abastança nem aplicada ao estudo. Preferindo conhecer a



Bernard Shaw

vida directamente, em todo o seu tumulto, a conhecê-la através dos compêndios escolares, e tendo também, ainda muito novo, de angariar o seu sustento, os seus estudos regulares não foram senão incipientes. Mas valeu-lhe a grande vivacidade do seu cérebro, que o pôs em contacto com tôdas as correntes estéticas, e não só estéticas como políticas. Assim, é que, a par de fazer profissão de fé socialista, trouxe a lume os seus primeiros trabalhos literários, nos quais, aliás, não conseguiu êxito de maior. Ao que parece, as suas idéas políticas entravavam-lhe a carreira nas letras. Mas Shaw não desiste nem tão-pouco arrepia caminho. Esta resistência aguça mesmo o seu feitio rebelde, agressivo, sarcástico, de sobra documentado nos seus romances e no seu teatro.

Orador, crítico social, artístico, literário e teatral, novelista e comediógrafo, as suas obras de fôlego e os seus artigos, sempre marcados por uma nota de arrojada originalidade, as mais das vezes artificial, — Bernard Shaw começou a sentir em volta do seu nome o ruído e a irritação, que, digam lá o que disserem os gulosos do elogio incondicional, são os mais rápidos veículos da celebridade. Esta, de facto, não tardou a abraçar Shaw.

Os seus trabalhos aparecem desde então, quási matemàticamente, um por cada ano: desde 1892, o seu teatro, por exemplo, atinge já três dezenas de peças, umas que suscitaram tempestades de crítica antagónica, outras que provocaram verdadeiras apoteoses: *Widowers' Houses, Arms and the man, Candida, The Man of Destiny, The Devil's Disciple, The admirable Bashville, Man and Superman*, e mais, muitas mais, até *Santa Joana*, de há dois anos apenas, umas num acto apenas, outras preenchendo por si sós, com três ou mais actos, um espectáculo inteiro, e traduzidas e representadas, na sua maioria, nas scenas de todo o mundo.

Esgrimindo, de maneira temível, com a ironia, os seus inimigos formam legiões, o que no fundo nada o amofina, se é que, pelo contrário, não lhe dá prazer. Há tempos — lêmo-lo num periódico londrino — uma Liga americana *para a protecção do génio* lembrou-se de escrever ao autor de *Cândida* pedindo-lhe que, ao morrer, legasse o seu precioso cadáver à mesma liga, para esta o guardar num colossal *panteon* em que aquela instituição pretende (pretensões tão extravagantes, só na América) congregar os despojos mortais das maiores figuras do mundo inteiro.

Shaw, com muito espírito, respondeu isto, pouco mais ou menos: «Impossível, meus bons amigos! Tenciono construir um monumental jazigo para a minha ossada, é certo. Mas como o quero constituído por tôdas as pedras que, ao longo da minha carreira literária, me têm acirado, sou forçado a fazê-lo na minha própria terra, porque para transportar tôdas essas pedras para a vossa Amêrica não me chegaria todo o dinheiro que as minhas peças e os meus livros me têm dado a ganhar...»

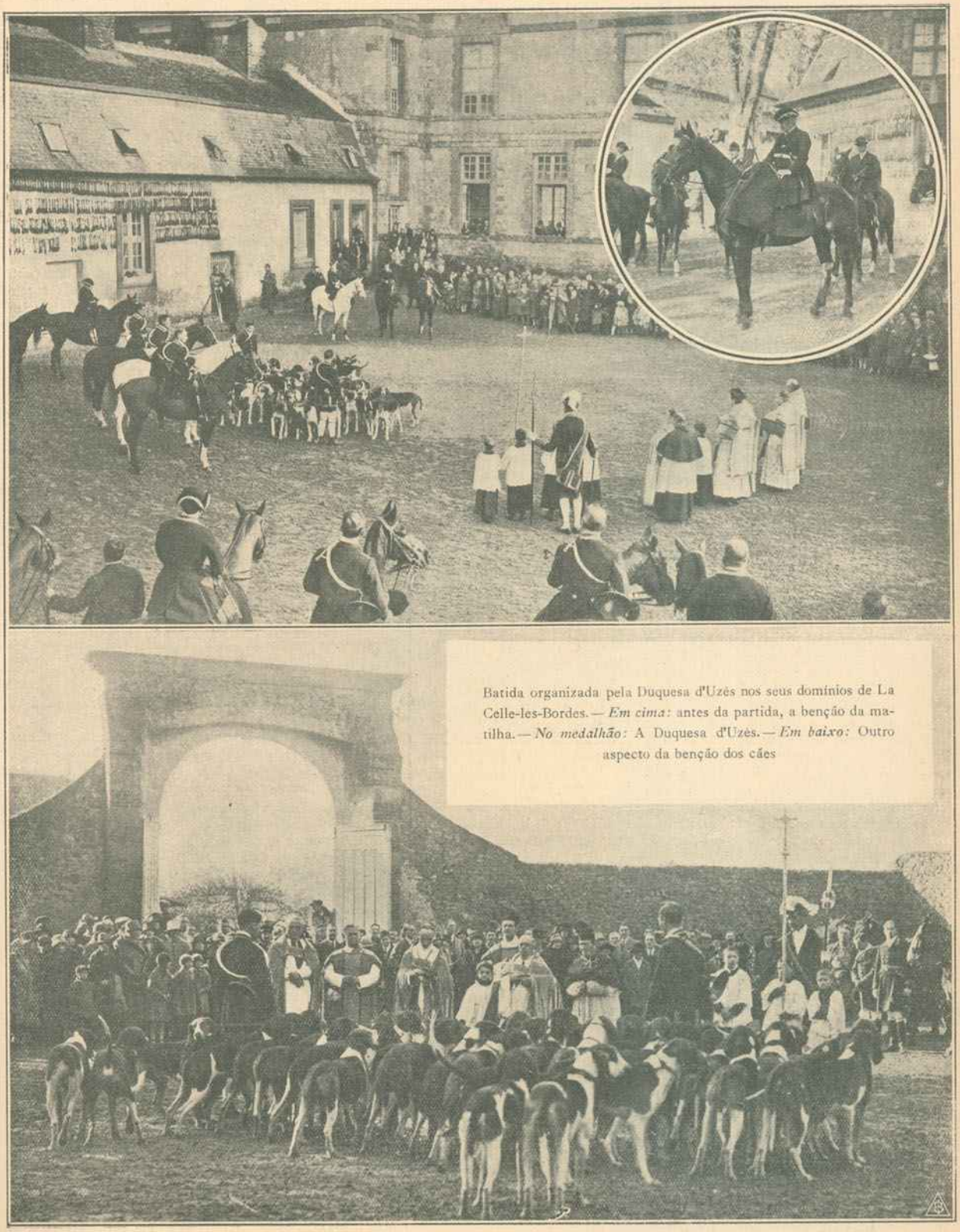
Talento de extraordinária mobilidade, suprindo a falta de ternura e de volúpia que os seus escritos acusam por uma riqueza de imaginação que estonteia, Shaw não raro sofre da acusação de *armar ao efeito* e de revestir de teatralidade todos os seus actos, igualando-se em certos momentos aos pelotiqueiros das praças que espantam o povinho ingénuo com suas artes e manhas.

Mais uma vez, provàvelmente, isso será dito, agora, que, tendo obtido o prémio Nobel, dum alto valor pecuniário a par de alto valor moral, Bernard Shaw resolveu rejeitar a primeira parte do referido prémio, dotando com ela os pobres da sua terra. Ao passo que os admiradores do seu talento hão-de exclamar, consolados — «bela acção dum nobre espírito, que os abertos ideiais socialistas norteiam!», os seus muitos adversários encolherão, scepticamente, os ombros, dizendo: «para acreditarmos na sua sinceridade, era preciso que o não conhecêssemos: eis mais uma das hilariantes farsas dêsse velho cabotino; podre de rico, graças aos seus fartos direitos de autor, pode bem com essa espectaculosa generosidade...»

A êstes, porém, deverão os primeiros replicar: — Qual de vós, em iguais circunstâncias, só por mero capricho, só para *épater le bourgeois*, seria capaz de tal generosidade, atirando pela janela fora mais de seiscentos contos de réis, que é a quanto monta, na nossa moeda, o prémio Nobel, que é quanto, numa chuva benfazeja e reluzente, vai ser arremessado pelo glorioso dramaturgo aos famintos da sua verde Irlanda?!...».

X.

CAÇADAS ARISTOCRATICAS



Batida organizada pela Duquesa d'Uzès nos seus domínios de La Celle-les-Bordes. — *Em cima:* antes da partida, a benção da matilha. — *No medalhão:* A Duquesa d'Uzès. — *Em baixo:* Outro aspecto da benção dos cães

TEATRO

Não é uma página de crítica *avant la letire*. Nem é também uma indiscrição. A peça, estreada há dois anos no Odeon, encontra-se já publicada num dos volumes de Teatro Completo de H. R. Lenormand. A qualquer simples mortal que não tenha ainda desaprendido o seu francês do Liceu, é pois permitido, por 7 francos e 50, ir já senhor do extranho drama, na sua letra e no seu espirito, quando ocupar na noite da «primeira» o seu lugar da platea.

«O homem e seus fantasmas,» anunciada para breve no Nacional, é considerado justamente um dos grandes monumentos do teatro francês do após-guerra. Alves da Cunha, educado na dura escola de adversidade e escorado pela fé e pela paixão de apóstolo de Araujo Pereira, é hoje incontestàvelmente, entre os comediantes portugueses de primeira plana, o mais forte e o único em que encarnou o sentido trágico da vida.

Muito bem dotado fisicamente, senhor duma vontade férrea, de criadora inteligência e da mais subtil agudesa de observação, têm-no sempre sedusido os grandes tipos românticos e violentos que por um exacerbado e quási monstruoso egocentrismo dominam tôda a acção dramática e por assim dizer constituem o eixo, a própria razão de ser da obra.

A peça em que vai agora encarnar o Homem, tão ensopada de humanidade, mas tão anti-romântica, tôda em tons cinzentos, quási exclusivamente cerebral, é dalgum modo antípoda de género melodramático e declamatório, que o seu talento e as suas grandes faculdades teem sistemàticamente explorado. As plateas populares que o teem aplaudido com delírio, aplaudirão agora o actor, mas não saberão talvez degustar o perverso o requintado travor do festim intelectual.

Plateas de élite? Mas onde existem elas hoje em Portugal, depois do lento e progressivo rebaixamento de inteligência e sensibilidade que, de há uma dezena de anos a esta parte, se vem claramente manifestando entre nós!

Haverá pois que encarar com indulgência tôdas as contingências do passo a que Alves da Cunha se abalançou.

Mil louvores sejam dados ao conscienciosо artista que temeràriamente, rompendo com a apagada e vil costumeira das comediolas de *boulevard*, traduzidas sabe Deus como, para plateas sabe Deus quais, arvora enfim no Teatro Nacional uma grande e audaciosa obra de teatro da vanguarda.

Mais que quaisquer outros títulos de talento e de glória êsse arriscado gesto justificaria a adjudicação que lhe foi feita da Casa de Garrett.

É de prever que Lisboa, a risonha e sentimental Lisboa das nossas relações, corresponda ao seu gesto, bocejando. Mas ainda mesmo que seja uma batalha perdida, vale a pena correr o risco de a travar e de a perder. Todos os homens de boa vontade o aclamarão, através de tudo. E a Casa de Garrett, há tanto desviada da sua verdadeira função, ver-se há convertida, nessa noite ao menos, à sua nobre missão espiritual.

* * *

«*L'homme et ses fantômes*» é no teatro apocalíptico de Lenormand, a par de «*Les Ratés*» e de «*Mangeur de Rêves*», a mais extranha e a mais humana das suas sombrias epopeas de angústia e de terror.

O seu tema é o tema eterno do «*burlador de Sevilha*», eterno como o Doutor Fausto, eterno como D. Quixote, eterno como o Desejo.

Afirma o Sr. Dr. Coelho de Carvalho, risonho patriarca das letras contemporâneas, que todo o poeta devia tentar o seu Fausto. Arriscamos nós, um pouco à surrelfa, que todo o dramaturgo deve tentar também o seu D. João.

José Alves da Cunha

Desde Tirso de Molina que o exhumou da lenda, Molière, Lord Byron, Zorrilla, Bataille, quantos mais não se teem namorado dêsse símbolo vivo do gênio da espécie? Figura trágica dum tão rico potencial de heroismo e de anciedade, êle contém com efeito no seu galbo todo o drama do Homem em luta com o seu Destino. Devastador e redentor como Dionisos do mito helénico, D. João tem sido, através dos tempos, nesta nossa idade cristã tão envenenada de catolicismo, o Arcanjo fulgurante e maldito, em cujo coração o Desejo e o Remorso se dão sanguinolenta e encarniçada batalha. Ora o Remorso, nascido com o mito de Caïm, é uma concepção tôda judaica e católica. Só com o livre arbítrio e a teoria da liberdade moral, o Remorso entrou pela primeira vez no coração do Homem. O mundo grego, o mundo romano, o mundo bárbaro não conheceram o remorso: — conheciam o Sofrimento e o Prazer. Lady Machbett também foi perseguida pelo fantasma do Rei Duncan. As suas mãos tintas de sangue, nem todos os perfumes da Arábia conseguiam perfumá-las. Mas quem nos contou essa história foi Shackspeare, do tempo da Rainha Elisabetth, nos alvores do puritanismo. E D. João Tenório, avatar de Miguel Mañara, foi gerado nessa terra ardente de Espanha, a Católica, em que, mercê da sua natureza de fogo, tôdas as crises, as do Desejo como as do Arrependimento, assumem sempre uma grandeza heróica.

Mas H. R. Lenormand é um bruxo da sua época. Como um homem da sua época, enfeitiçou-se pela magia aliciante de Freud.

O seu D. João não usa o gibão de sêda nem o fino estoque de aço de Toledo. A sua insolência não é uma espadachinagem altiva de bravatas, raptos e estocadas. O perfume da sua sedução não rescende aos cravos vermelhos da Andaluzia. E o seu Remorso não é grosseiramente materializado num rude fantasma de pedra que acode a um convite satânico para uma ceia de companheiros de orgia.

O seu chic, de hoje e do boulevard, é todo inglês e desportivo, de jaquetão de cheviote, luvas claras de camurça, feltro cinzento, bengala de Maláca. O seu cinismo é todo feito da inocência do seu carácter e da obcessão sexual de seu hermafroditismo. Os seus fantasmas — *les fantômes accusateurs on misericordieux qui se lèvent de vôtre inconscient* — são as fôrças misteriosas da sua alma que o trabalham, que o dilaceram e que, nesse feroz duelo do Bem e do Mal em que infatigàvelmente se consome a consciência moral de todo o homem moderno, o interrogam, não cessam de interrogá-lo...

E o grande dramaturgo francês não se limita a vasculhar, como um trapeiro de almas, a alma de D. João. Explica-a também. E a sua interpretação, aparentemente paradoxal, pela primeira vez aparece colada à legenda heróica de êsse Arcanjo maldito como uma etiqueta sarcástica.

«*Chez Don Juan, le corps est mâle et l'âme, femelle... Son corps réclame la femme et son âme, l'homme. Il cherche dans la femme le fantôme de l'homme. C'est pourquoi chacune de ses victoires est une défaite intime. Il se venge sur les femmes de son impuissance au bonheur.*

Êsse Luc de Bronte que lhe diz serenamente tôdas estas coisas cruéis, é ainda um fantasma, o fantasma da própria razão, o fantasma da psicanálise, nem acusador nem misericordioso, impassível como o mètodo scientífico.

* * *

Sem veleidades de crítico nem de profeta, cremos bem que êsse bruxo Lenormand, fazendo perecer D. João sob o assalto dos seus fantasmas, despoetizou definitivamente essa *hesitação da natureça, êsse esbôço de uma forma futura ou reminiscência de uma forma passada.*

Êle decerto continuará a viver na Vida, como eterno que é, mas como aberração monstruosa de Desejo, isento de piedade e simpatia humana, tendo sempre chumbado aos seus pés a grilheta da sua solitude moral.

CARLOS SELVAGEM.

INAUGURAÇÃO DOS MONUMENTOS Á MEMÓRIA DE BERNARDINO GOMES E DE SEU FILHO, NO JARDIM DA FACULDADE DE SCIÊNCIAS DE LISBOA, EM 14 DE NOVEMBRO DE 1926

Monumento á memória de Bernardino Gomes (Pai) 1768-1823

Monumento á memória de Bernardino Gomes (Filho) 1806-1877

Actuais descendentes, bisnetos e netos, respectivamente de Bernardino Gomes e seu filho

Com uma numerosissima e selecta assistência, realisou-se no dia 14 de novembro último, a cerimónia da inauguração dos monumentos que, por subscrição e no jardim da Faculdade de Sciências de Lisboa (antigo Jardim Botânico da Escola Politécnica) acabam de ser erigidos aos dois sábios ilustres que, em vida, se chamaram Bernardino Gomes. Na assistência figuraram, além dos srs. Ministros de Instrução e dos Negócios Estrangeiros; Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa; representante do sr. Embaixador do Brasil, o Reitor da Universidade de Lisboa, Directores das Faculdades de Sciência e de Medicina, também de Lisboa, representantes da Faculdade de Medicina do Porto, Academia das Sciências, Sociedade das Sciências Médicas de Lisboa, muitos estudantes e subscritores, entre os quais estavam largamente representadas várias casas comerciais, bancos, etc., que para as homenagens, agora realizadas, mais generosamente contribuiram, principalmente em atenção á obra altamente humanitária de Bernardino Gomes, que além de prestar revelantissimos serviços á Causa da Vacinação anti-variólica, em Portugal e seus dominios, poderosamente concorreu para o descobrimento da quinina, preciosa substância curativa das fébres palustres, o que é de altissima importância para um pais com possessões coloniais, como é o nosso, nas quais aquelas fébres são endémicas.

Depois da inauguração dos monumentos organisou-se um cortejo que desfilou em frente do monumento de Bernardino Gomes (Pai) descendo pela escadaria e á esquerda dêste subindo pelo lado opôsto.

Foi uma edificante e interessantissima cerimónia, perfeitamente condigna das altas individualidades, que, naquele momento, recebiam, dos seus compatriotas, o preito de gratidão que lhes deviam pelos seus serviços á Sciência Nacional e pelo disvêlo com que a empregaram em proveito da colectividade principalmente no domínio da saúde pública.

Grupo de alunos da Faculdade de Sciências de Lisboa acompanhando o Dr. Virgilio Machado que tem á sua direita o Presidente da Associação Académica dos estudantes da mesma Faculdade. Êste grupo representa os alunos que assistiram á cerimónia da inauguração

Representantes da Comissão do Monumento a Bernardino Gomes — *Sentados da esquerda para a direita:* Drs. António de Azevedo, Pedro José da Cunha, Virgilio Machado, Costa Sacadura, Achilles Machado. *Em pé:* Dr. A. Mac Bride, Peres Rodrigues, Mascarenhas de Melo, Arlindo Monteiro e Costa Santos

O NÚMERO DE NATAL

Da ILUSTRAÇÃO

SERÁ DE 64 PAGINAS, inserindo colaboração literária de:

DR. JÚLIO DANTAS
Da Academia de Sciências de Lisboa

JOAQUIM LEITÃO
Da Academia de Sciências de Lisboa

DR. LUIS DA CAMARA REYS

AQUILINO RIBEIRO

DR. SOUSA COSTA
Da Academia de Sciências de Lisboa

DR. AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia de Sciências de Lisboa

CARLOS SELVAGEM

DR. BRITO CAMACHO

TEIXEIRA DE PASCOAES

Colaboração artistica de:

ALBERTO DE SOUSA — EMERICO NUNES
MARIA ADELAIDE — TAGARRO

ARTISTICA CAPA A TRÊS CÔRES

Duas reproduções de quadros em "HORS-TEXTE"

Reprodução em *"Hors-Texte"* duma obra prima de escultura, de SOARES DOS REIS

Numerosas ilustrações - Aspectos de paisagens e monumentos portugueses - Modas - Desportos - Actualidades

O número extraordinário do Natal, da ILUSTRAÇÃO, que corresponde ao n.º 24 da série

Sairá no próximo dia 20 de Dezembro

REGRESSO AO «CHARLESTON»

Quando a América lançou por sôbre o Atlântico o seu decreto, criando o *Charleston*, como último sacramento obrigatório para todos os dançarinos profissionais e amadores, a Europa, que não está nada estimulada por ter perdido nas danças o domínio da valsa austríaca, aceitou jubilosa a nova dança, que por sua vez vinha destronar os *fox-trot* e os *shimy* de tão agitada memória. Mas ensaiados os primeiros passos, verificaram os bailarinos que o *Charleston* participava, mais largamente que as danças anteriores, da dança de S. Vito, pela extravagante deslocação dos membros, bruscas sacudidelas, enfim, um conjunto desagradabilíssimo de movimentos epilépticos e desvairados em que a estética da atitude sofria os mais duros tratos.

Desde logo, a pesar do esfôrço dos professores de dança, o *Charleston* foi banido dos lugares onde se pratica a dança como diversão honesta e naturalmente as pessoas que não vivem a dançar ou para dançar abstiveram-se de adoptar uma nova dança que dava aos salões o aspecto duma enfermaria de doenças nervosas.

Repelido, o *Charleston* tratou de corrigir os defeitos do seu exagêro. Provàvelmente recolheu ao conspícuo e ponderado sinédrio, que lhe tinha dado origem e lá foi depurado, passando várias vezes pelo apertado filtro do bom senso. As leis, artigos e parágrafos que determinavam as mais extravagantes posições do *Charleston* foram — permita-se-nos a expressão — traduzidas para brancos.

As nossas gravuras mostram, flagrantemente, a diferença entre o *Charleston*, na sua forma primitiva e o *Charleston* reformado.

Na parte superior desta página, apresentamos três atitudes do *Charleston* reabilitado. Movimentos suaves, atitudes estéticas e ritmicas, um conjunto de dignidade e correcção. Em baixo, no fundo da página, o mesmo par de dançarinos entrega-se à coreografia agitada do primitivo *Charleston*, pulado, desarticulado, com torsões extranhas do busto e tendências para tocar com os tacões nos lustres das salas.

As posições das duas formas desta dança americana correspondem à mesma marcação e não é difícil verificar, assim, quanto de dignidade humana e de respeito pela estética da atitude imprimiu ao *Charleston* a prudente reforma, que os sumos sacerdotes da religião da dança entenderam por bem aplicar-lhe.

O antigo *Charleston* continuará, sem dúvida, a ter os seus fiéis, mas não será praticado senão nos bailes públicos, em teatros, *music-hall* e casinos por bailarinos profissionais, cujas qualidades de acrobatas muitas vezes não bastam para defender do ridículo certas atitudes da movimentada dança americana, na sua pureza de origem. Em compensação o *Charleston* reformado vai certamente recrutar novos adeptos entre aqueles que o repudiavam por excessivo e ridículo.

O MOVIMENTO CATALANISTA E O CASO GARIBALDI

Os coronéis Maciaje Riccioti Garibaldi acompanhados por dois inspectores de policia, no momento de entrarem no gabinete do Juiz de Instrução

Um grupo de conspiradores catalães, no Palácio da Justiça

Um dos conjurados, fardado e equipado

A MODA DE INVERNO

Chapéu de veludo azul escuro ornamentado com uma aplicação de pedrarias multicores

Se é certo que nunca, como no instante que passa, a moda se arrojou a composições de elegância baseadas num luxo estonteante, imprevisto, quási inconcebível, é também fora de dúvida, — para quem se demore um pouco a examinar as últimas colecções apresentadas pelas grandes casas parisienses, — que essa ânsia de sumptuosidade, é, todavia, regida por um inteligente espírito prático e económico.

— Paradoxo ! — dirão as leitoras vagamente incrédulas ante a possibilidade de se submeter o luxo à regência da economia.

Todavia, a idea é menos paradoxal do que no primeiro instante se nos afigura. Economia, não significa pobresa. E uma toilette pode ser luxuosa, mesmo rica, mas composta sob a inspiração duma bem compreendida economia.

A moda actual apresenta-nos modelos confeccionados com elementos caros, é certo. Entretanto, se bem os estudarmos, veremos afirmar-se em todos êsses modêlos o espírito económico e prático, quer na escolha dos tecidos cujo custo, embora elevado, é de alguma forma, garantia da sua duração, quer na aliança de côres e tecidos diferentes, o que permite aproveitar retalhos ou vestidos em bom uso que a irrequietabilidade da moda obrigou a pôr de parte.

Porque uma das características da moda actual é a conjugação de côres e tecidos diferentes, mas sempre harmonisantes. Esta fantasia, que já muitas vezes nos tem surgido no campo da toilette, perdeu êste ano a intenção exclusivamente prática que a originou, e penetrando deliberadamente no plano da alta elegância marcou ali uma delicada nota de chic. E assim vemos, êste inverno, não só os vestidos de carácter simples, mas ainda as toilettes de noite, compostas, na sua grande maioria, com dois tecidos.

Nos primeiros, a ideia prática persiste, na escolha dos tecidos que se preferem quentes, maleáveis, e resistentes ao uso e às investidas do inverno. Para êstes o critério da moda indica o *jersey* de lã fina, estampado ou liso, que se destina geralmente à parte superior do vestido enquanto para a saia se opta pelo veludo de algodão, liso ou *cotelé*, a *crepella*, a *kasha*, a sarja, etc.

Nestas combinações, atenta-se sempre na escolha da côr mais escura para a saia e da mais clara para o corpo, no qual aparece o tecido mais escuro aplicado como guarnição, para mais agradável harmonia do conjunto. As côres preferidas são: beige ou gris e castanho escuro, azul escuro, vêrde garrafa ou preto. A ideia de combinar dois tecidos num vestido só, além de económica, é de um belo efeito, animando o conjunto e dispensando o concurso sempre dispendioso, de outra guarnição além de uns botões ou estreitos galões de sêda.

Nas toilettes de tarde ou de noite, principalmente as que se destinam a pequenas reuniões, jantares, concertos ou teatros, prevalece a mesma ideia de aliança de tecidos e côres; nestas, porém, são admitidos tecidos sumptuosos tais como os *lamés* de seda e oiro ou prata, as

mousselines com relêvos em veludo, os tecidos de malhas de oiro, e, na esfera de um luxo mais comedido, as mousselines, lisas ou estampadas, os crêpes diáfanos e tôda essa maravilhosa colecção de tecidos modernos, de reflexos discretamente suaves e tentadores, que o requinte do gôsto e o aperfeiçoamento da indústria oferecem à nossa ambição de chic. Êstes tecidos combinam-se com veludo de seda *miroir* ou *mousseline*, setim, crepe da China, georgette ou *romain*, etc. Também nestas toilettes predomina a disposição dos tecidos escuros na saia marcando ali uma simplicidade despretenciosa que se explica pela pouca exibição que tem a parte inferior da toilette visto as senhoras, com exclusão das que dançam, conservarem-se longamente sentadas. Em compensação, a partir das ancas, essas toilettes reclamam os tecidos brilhantes e sumptuosos, as guarnições ricas e as flores policromas, elementos que imprimem à toilette a nota opulenta requerida pela moda vigente, que se enfadou dos aspectos sóbrios e modestos, desde que a luz refulgente da electricidade em reverberações festivas sôbre os bustos grácеis e as cabecitas airosas de mulheres lindas reunidas em certamen de graça e elegância.

Nas linhas gerais, estas toilettes são simples de forma, estabelecido como está, que a moda aboliu tôda a complicação de feitio e armado. Os corpos são quási sempre lisos; apenas aqui e além se descobre um geito discreto da *draperie*, ou o cruzamento lateral do corpo. Os decotes tornaram-se mais esguios, descendo no peito em corte oval ou mesmo em ponta, quando não se prefere o decote *em quadrado*. Como guarnição uma simples flor ou um alfinete de peito de brilhantes ou quaisquer outras pedras preciosas, pregadas no ombro ou no remate do cinto.

As *perlages* de cristal desmereceram já do favor da moda, que lhes prefere os fios de diamantes serpenteando pela diafaneidade dos tecidos lisos, em arabescos caprichosos, laços artisticamente lançados, etc. Também as franjas de *cordonnet* de seda, reaparecem na toilette como guarnição distinta e *chic*. É que as franjas, auxiliam a marcar a linha esguia e coleante da silhueta moderna, quer acompanhando com suave ondulação os movimentos rítmicos da dança, quer permanecendo caídas, na tranqüila imobilidade dos instantes de conversação.

Quanto às saias, são sóbrias de disposição, mesmo nas toilettes de cerimónia. Ou caem lisas, apenas marcando ao lado ou à frente uma *draperie* artisticamente disposta a mascarar a acumulação do tecido que o excesso de roda da saia ali fez juntar.

Não se julgue porém, que a toilette fica completa quando se tenha cuidado minuciosamente todos os seus pormenores desde a orla da saia ao traçado do decote. A toilette elegante requer, como complemento de *chic*, um *manteau* sumptuoso, harmonisante não só nos tecidos como nas côres. O modêlo da página anterior, por exemplo, mostra uma toilette de crepe georgette azul cobalto plissado e *broché* de oiro e seda azul no tom da *georgette*. Pois bem, o manteau que acompanha esta encantadora toilette, é também do mesmo brocado azul e oiro, forrado com setim azul e guarnecido com peles *skungs*.

De resto, a idea da harmonia geral da toilette nem só na combinação da toilette com o *manteau* se afirma. O chapeu, os sapatos e as meias que devem acompanhá-la sofrem-lhe a influência subordinante.

É certo que nem tôdas as côres permitem a adaptação do calçado. Mas ainda nesta emergência a moda apresenta um alvitre solucionante: quando não seja possivel, por desacôrdo da estética, a aliança dos sapatos na côr da toilette, escolhem-se êstes de setim *blonde*, visto que os de *lamé* cairam por demais na vulgaridade.

Carteira moderna em género persa

Vestido de veludo preto guarnecido com bordados de seda e galões metálicos

Manteau *de veludo preto guarnecido com peles*

A CASA PORTUGUESA

QUINTA DOS MARQUÊSES DE FRONTEIRA

BEMFICA

As salas e câmaras desta suntuosa habitação ostentam tôdas sua antiga decoração. Azulejos, estuques e pinturas relatam feitos heróicos da família ou reeditam episódios mitológicos na maneira estilizada da época. Entre os muitos retratos que guarnecem as salas, nota-se o soberbo quadro de Pellegrini que representa o Marquês de Alorna rodeado de sua família.

A sala mais notável do palácio é a *das batalhas*, com alto silhar de azulejo onde estão representados os principais combates em que se distinguiram os Mascarenhas. Acima do painel onde está figurada a batalha do Ameixial vê-se a representação equestre do 1.º Marquês de Fronteira

Oportunamente publicará a ILUSTRAÇÃO aspectos dos grandiosos jardins déste palácio.

Uma intérprete alemã da canção das «Rosas»

UMA CANÇÃO QUE DEU A VOLTA AO MUNDO

A música, linguagem universal, é a única concepção humana que pode gabar-se desta proeza, que tentou o herói de Júlio Verne e tenta presentemente os aviadores de tôda a parte: dar a volta ao mundo.

Depois que a facilitação das comunicações começou a tornar mais viável a aproximação dos povos, a música aproveitou-se desde logo da sua magia de falar às almas e da vantagem da sua grafia única, que todos os povos, mesmo os de mais arrevesada língua, sabem ler e interpretar, para ir dum continente ao outro, mais velozmente do que os próprios sons de que é formada. É tão fácil ouvir, em plena África executar czardas, como dançar na Índia um fox-trot genuinamente norte-americano.

As operetas de Offenbach tiveram, no seu tempo, uma voga mundial e tão espalhado foi o êxito, por exemplo, da «Grã-Duquesa» que não devemos admirar-nos se algum moderno Fernão Mendes Pinto vier um dia afirmar, no relato das suas peregrinações, que nas tortuosas ruas de Pekin e no próprio Templo do Céu era popular e estava em favor a canção do General Bum ou o *couplet* de Fritz.

A Espanha sempre foi um país exportador de êxitos musicais. As suas canções tão características, os seus bailados inconfundíveis de ritmo e harmonia invadem de vez em quando a Europa e a América ou no violino mágico de Sarrasate ou nas composições geniais de Granados.

Quando Teófilo Gautier, o patriarca romântico, descobriu que abaixo dos Pirineus existia um país vibrante de interêsse e de vida, a música espanhola teve em França uma voga extraordinária. O encanto dos ritmos musicais andaluzes tentaram Bizet e arrastaram-no ao insucesso da «Carmen», de que a posteridade largamente o compensou, coroando-lhe a obra que consumiu a vida do genial compositor.

Novamente a música espanhola acaba de atravessar uma fase de delírio universal. Com a rapidez, fulgurante quási, da peneumónica, a canção do maestro Padilla, que Mistinguett popularizou sob o título de «Valencia», deu a volta ao mundo.

Entre nós, essa canção celebrizou-se, espalhou-se, tornou-se quási mania e quási perseguição com um título que no-la não permite identificar com a mundial «Valencia». Chamou-se, entre nós, essa canção ainda formosa, a pesar de puída pelo uso, «As Rosas». Se há casas onde as meninas já estão proibidas de executar a canção famosa, o povo, em cujo ouvido ela caiu e em cuja alma assentou bem, canta-a ainda, continuando a achar-lhe o mesmo encanto de sempre.

A canção das «Rosas», cremos, é um número duma obra de fôlego do maestro José Padilla, que tem por título *La bien amada* e a designar-se pelo título que em espanhol lhe caberia, deveríamos chamar-lhe «Te quiero».

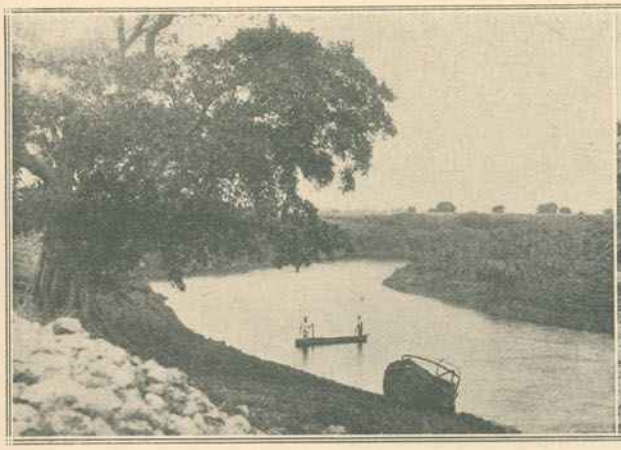
A Alemanha, pátria dos grandes sinfonistas, não engeitou a encantadora canção em voga e uma das nossas gravuras representa uma intérprete alemã das «Rosas» ou da «Valencia», porque foi com êste título que se multiplicou o êxito da composição do maestro Padilla.

O maestro José Padilla, autor da canção «As Rosas» ou «Valencia»

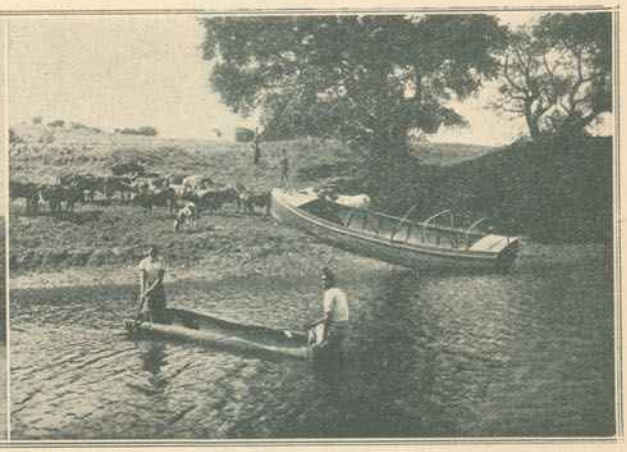
AS NOSSAS COLÓNIAS DE ÁFRICA

GAZA.—Grupo de mulheres indígenas, «Toilettes» um pouco primitivas, mas a que não falta o complemento das pulseiras, anéis e o *necessaire*

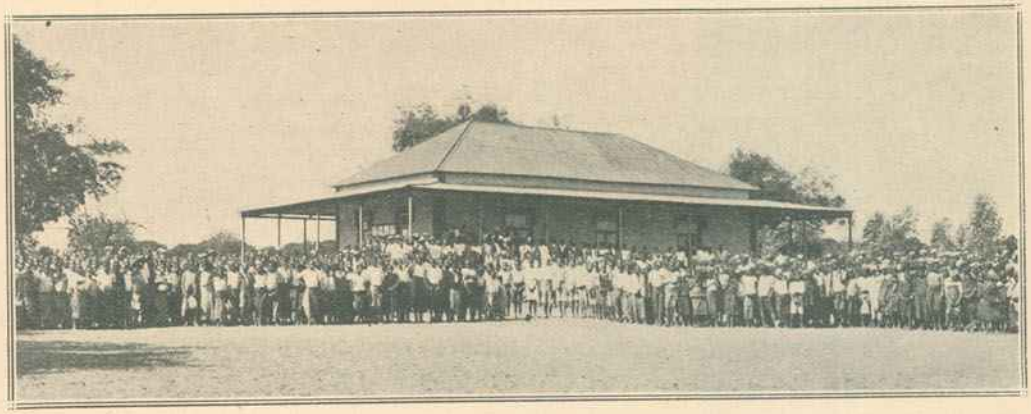
GAZA. — No Chibuto: residencia do administrador e monumento a Mousinho de Albuquerque, o heroi da campanha contra o célebre régulo local, Gungunhana



GAZA. — No Chibuto: pescadores indígenas no rio Chengane



GAZA. — No Chibuto: nas margens do Chengane, criação de gado nos planos de Um N'dongo



GAZA. — Escola da Missão da Malaissa: os alunos indígenas á hora da missa

A «FEROCIDADE» DA MODA

Se um dia os animais de pêlo e pena se dessem conta exacta de quanto contribuem para a fortuna dos costureiros e para os caprichos da moda, talvez, após um grande congresso, as senhoras se vissem reduzidas a adornar-se e a vestir-se exclusivamente de algodão e linho ou ainda de lã e sêda, porque aos animais lanígeros é um favor que se lhes faz tosquiá-los no verão e porque o bicho da sêda, quando lhe aproveitam o trabalho de fiandeiro, está num estado de inconsciência que lhe não permite protestar.

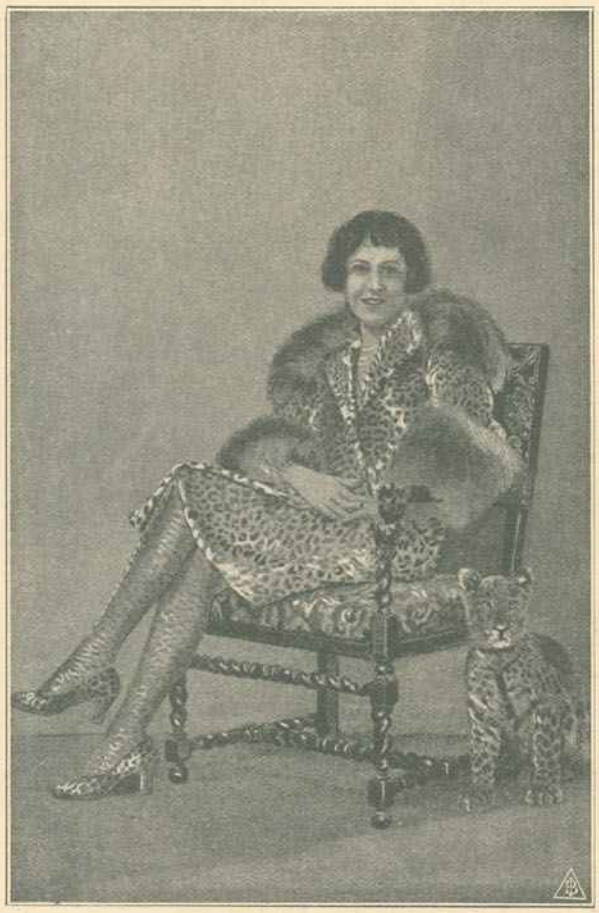
Não mais «paradis» nem «aigrettes!» Não mais fôfas peles de marta ou zibelina, de raposa azul ou macaco! Estas seriam, sem dúvida, as conclusões a que chegaria a assemblea magna da bicharia que a moda feminina faz sacrificar em holocausto à inventiva fértil dos costureiros-artistas, que pretendem completar a harmoniosa obra da Natureza, que é a mulher, com a obra da arte, que é o vestuário.

Até há pouco só os animais mais pacíficos ou pouco perigosos eram sacrificados à Moda. Mas qualquer espírito inovador e ancioso de inédito começou a considerar que era uma pena perder-se em tapetes, debruados a vermelho, a pele tão bem mosqueada dos leopardos. E como a inteligência do homem é mais forte que as garras e os dentes das feras, os leopardos começaram a ser perturbados na relativa paz em que viviam, na selva.

O casaco de pele de leopardo é hoje uma moda lançada e com tal «élan» que já imaginosos fabricantes de tecidos, tendo em consideração que os leopardos não se deixam apanhar como as môscas, se deram a fabricar uma imitação da pele daqueles bichos, tão bem feita que só pelo preço se distingue da autêntica.

A Moda, sem uma pontinha de exagêro, não tem «cachet». Uma senhora que não exagera um pouco as modas reinantes, embora com pretexto de as adaptar ao seu tipo, não pode ter-se em conta de criar, ainda que sôbre obra feita. Deve ter sido êste o critério da encantadora americana que a nossa gravura reproduz que se *aleopardou* — permita-se-nos o neologismo — do pescoço até aos pés. Casaco, meias, sapatos, tudo participa do estilo leopardo, tudo obedece ao mosqueado pitoresco que leva os visitantes dos jardins zoológicos a manifestarem, perante as jaulas dos leopardos, a pena de que êstes bichos teimem em se manter ferozes e não queiram seguir o exemplo dos gatos, seus parentes próximos, que vendem fàcilmente a sua liberdade por uma dúzia de carapaus e um pouco de bofe.

Para que mais flagrante resultasse o «aleopardamento» da sua pessoa, a graciosa «miss» fez-se fotografar ao lado de um leopardinho, vivo e esperto, em cujos olhos se adivinha, ao mesmo tempo, a surprêsa de ser fotografado e a intenção de vender cara a própria pele.



A moda excêntrica na América: «Miss... Leopardo»

Mas o que será a Moda futura se o exemplo colhe! Que outras feras, ignorantes e confiadas, a Moda aponta já como figurinos de futuras «saisons»?

Acaso veremos nós ainda, atravessando plàcidamente as ruas da cidade, *mademoiselle* Hiena Malhada ou *madame* Elefante? Acaso estará reservado aos homens, tão conservadores da sua moda de calça, colête e casaco, o futuro cruel de ter de escolher noiva entre um gato almiscarado, um tigre de Bengala e um leão de juba cortada à *garçonne*?

Nunca se pode fazer um cálculo aproximado sequer dos extremos que a moda pode atingir. Uma vez lançada na «ferocidade», sabe-se lá a que extranhos e bravios animais a Moda não recorrerá amanhã para lhes talhar na pele os abafos com que airosamente envolver e abrigar corpos airosos de mulher... A esquiva zêbra, tão caracteristicamente raiada de branco e negro, deve já ter tentado a fumegante imaginação de algum criador de modas. A gazela, dum tão lindo amarelo torrado, ainda que não seja feroz e a pesar do pêlo raso, deve estar também número um para o sacrifício e quem sabe se a pele do crocodilo, já utilizada em malinhas e carteiras, amaciada por um fabrico especial não virá a ser utilizada em casacos impermeáveis.

Esta moda, tão corrente, da utilização das peles de animais no vestuário é, afinal, mais velha que a civilização. Nas cavernas primitivas ou nas cidades lacustres, a pesar de nenhum investigador ter revelado a existência nesses remotos tempos sequer dum *tailleur pour dames* ou duma loja de *fourrures*, já a mulher vestia de peles de fera. Trata-se, portanto, dum regrêsso ao passado e se isto é um prenúncio de que as eras da infância das sociedades vão voltar, aceitemos esta Moda das peles como um ensaio ou como uma *étape* da transição dos complicados tempos, que decorrem, para a simplicidade edênica dos tempos primitivos.

E não corresponderá, um dia, a preferência por determinadas peles de animais ferozes a mais alguma coisa do que simples simpatia do gôsto do colorido, mas a uma verdadeira revelação psicológica?

Em horas amargas de desilusão, os poetas, arrepiando caminho, teem comparado a mulher à mesma serpente, símbolo de tentação e de perfídia.

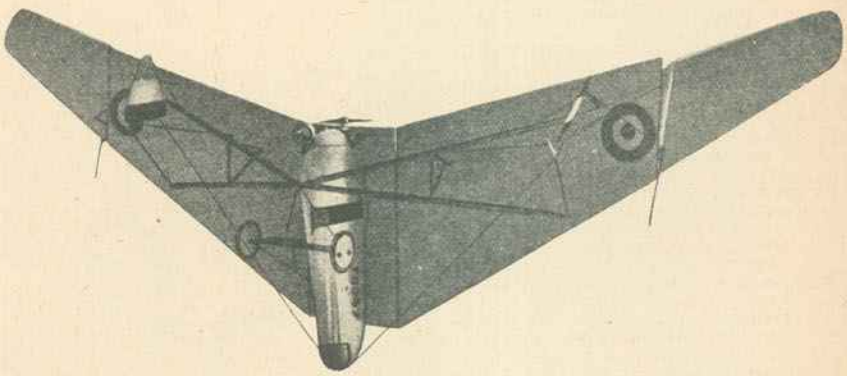
Alguns Doutores da Igreja chamaram à mulher barilisco, escorpião e outros nomes de bichos fantásticos ou venenosos. Mas a pesar das cominações dos graves Doutores e da fantasia da Moda, a mulher permanecerá, embora adoptando a pele e as garras da pantera para seu adôrno, como uma das três obras primas da inspiração divina: as mulheres, as flores e as crianças.

A POSSE DOS ARES

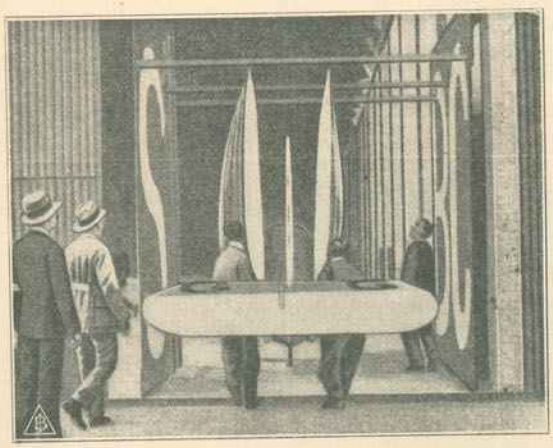
A nossa geração conseguiu andar pelos ares; mas o domínio dêsse elemento não pode considerar-se completo, enquanto não houver a possibilidade económica e a facilidade técnica suficientes para que tenha, quem quer que seja, o seu avião, como hoje pode ter o seu automóvel. Os homens de menor fantasia admitem sem custo que haverá, dentro de poucos anos, aviões com taximetro cobrindo os ares, às horas de recolhida, junto dos teatros, para que cada um possa chegar a casa sem ter diminuido a sensação de arte que o espectáculo lhe deu, pelo contacto prosaico com a calçada das ruas. Se elevou o espírito até às núvens, virá para casa caminhando sob elas, mas sem ter que descer à terra.

Trabalha-se hoje em vários países para obter êsse avião individual. As dificuldades para o conseguir dizem respeito a custo e a riscos, e não são fáceis de vencer. O preço do avião é elevado, e tem de contar-se com a pouca duração dêste e, portanto, com uma verba importante para amortisação do capital. Consome também muito combustivel. Precisa de local convenientemente preparado e de grandes dimensões para ser posto em movimento. Está sujeito a repetidas reparações que são dispendiosas. Enfim, ter um avião para uso pessoal constitui um luxo excessivamente caro.

A essa despesa acresce a do piloto, que tem de ser um profissional bem trenado, porque os precalços em jornadas de avião são bem mais perigosos do que em passeios de automóvel. Há sempre que contar com um desarranjo no motor que obrigue a tomar terra sôbre terrenos difíceis; e é preciso fugir dos descuidos que consistem em perdas de velocidade, quando o piloto, esquecendo as leis do equilíbrio aéreo, deixa cair a velocidade do avião além do limite em que pode governá-lo. Se, nesse momento, o avião está próximo de terra, a queda rápida que se produz pode não dar tempo a que o piloto o faça retomar equilíbrio.



O Pterodáctilo Hill em pleno vôo, virando sôbre a direita



Avião desmontado para ser recolhido

A-pesar-de tôdas estas dificuldades, trabalha-se para construir um avião individual que satisfaça. Em setembro último realizou-se um concurso de aparelhos dessa ordem em Inglaterra, em que apareceram 16 aviões. Uma «avionnette» a que deram o nome de «Pterodáctilo», em lembrança de uma ave pre-histórica, tinha notáveis disposições para se conservar na linha de vôo em quaisquer circunstâncias. Também os ingleses conseguiram que os seus aviões económicos possam ser desmontados por dois homens e que as ásas se dobrem de modo a poderem passar, sem dificuldade, por uma porta de regular largura.

Na Alemanha, Holanda e Tcheco-Slováquia teem sido também construídos pequenos aviões. A França dedicou-se principalmente à construção de aviões monstruosos destinados a lutas de competência. Merece, no entanto, mensão uma «avionnette» de nome Albert, monoplano com motor de 40 CV, tendo considerável excedente de potência. É utilisada para serviços de estafeta militar e, conquanto tenha qualidades apreciáveis, é inferior aos modelos ingleses quanto à simplicidade de manobras e reparações.

De tudo isto se conclue que o domínio que tomámos dos ares é ainda muito precário, visto que só podemos sulcá-lo em condições de grande risco e de grande despesa. Êsse domínio se irá, porêm, consolidando. Os homens das idades pre-históricas atreveram-se a viagens costeiras servindo-se de grandes troncos de árvores escavados. De então para cá, que progressivas mudanças, através milhares de anos! Os portugueses que costearam a Africa e foram à India nas suas caravelas, não poderiam ter suposto a existência dos grandes transatlânticos de hoje.

F. MIRA.

O Albert, pequeno avião francês

UMA MULHER QUE AMOU CHATEAUBRIAND

É tão bom viver com os mortos! Gosto tanto de procurar além da vida figuras que viveram num passado longínquo!

É assim que evoco a suave figura, cheia de relêvo, de Paulina de Montmorin, Condessa de Beaumont, a doce apaixonada de Chateaubriand, de singular destino.

Filha dos Condes de Montmorin, amigos dedicados da côrte, perdeu na guilhotina, durante a grande revolução, parte da sua família. Ela mesma, separada do marido com quem nunca se entendeu, e depois de em vão ter suplicado para compartilhar a sorte dos seus, refugiou-se, pobre coração ferido, na cabana de uns bons camponezes, antigos servos da sua família.

Passada a terrível época, conservou sempre a expressão dolorida do muito que sofrera. Sem dotes de fortuna ou formosura, doente, pálida, quási imaterial, quási ave, quási flor, o seu corpo débil era apenas, como diria o nosso Padre Sena Freitas, «um pretexto para conter uma alma». Insinuava-se porém, e ocupava, sem esfôrço, corações dignos dela. O moralista e excêntrico Joubert apaixonadamente a adorou. Era realmente «adoração» o sentimento que o possuía, enquanto que o autor do *Génio do Christianismo* se deixou por ela apaixonadamente amar. Joubert, numa das suas cartas, aconselhava-lhe:

«Para ser feliz e concorrer para que os outros o sejam, a minha amiga só tem que deixar operar a natureza e ser simplesmente o que é».

Além de Joubert, outros homens ilustres se deixaram prender pelo encanto subtil e forte dessa mulher, cuja grande fôrça estava talvez na sua deliciosa fraqueza.

Foi o próprio e incauto Joubert quem apresentou Chateaubriand à sua amiga e, no verão de 1801, na sua casa de campo de Savigny-sur-Arge, a pobre encantada hospedava o encantador, o glorioso. Foi nêsse retiro que êle concluiu o *Génio do Christianismo*. Antolha-se-me que fôram aqueles os melhores dias de Paulina de Beaumont.

Em 1809, o Visconde de Chateaubriand foi nomeado para a embaixada de Roma. Para ali partiu e logo, como um pequenino satélite de um grande astro, com o pretexto de ir procurar à Itália o ar purificador para os seus pulmões doentes, Madame de Beaumont partiu também.

Pareceu reanimar-se. Chegaram a julgá-la salva. Era, porém, o scintilar mais vivo da chama que morria. Animara-se vendo-se junto d'Aquele por quem e para quem vivia; mas depressa a doença, a implacável «queixa do peito», como então se dizia, a prostrou na cama em país estrangeiro.

Morreu nos braços do muito amado, depois de cumprir os últimos deveres religiosos e de suplicar ao glorioso escritor «para se reunir a sua mulher e para conviver com Joubert». Comovedoras recomendações!

Morreu «desesperada e extasiada», como conta Chateaubriand, vendo-o chorar verdadeiras lágrimas, junto do seu leito.

«René» fechou então piedosamente aqueles lindos olhos, que por Êle tanto tinham chorado...

Entre as cartas notáveis recebidas nessa ocasião por Chateaubriand, aprás-me traduzir das suas «Memórias», por me parecerem muito interessantes, a de Necker e a de Madame de Stael.

Diz Necker na sua carta:

«Senhor.— Minha filha, ao partir para a Alemanha, pediu-me para abrir a sua correspondência e enviar-lhe só a que valesse a pena. Foi êsse o motivo que me fez saber, antes dela, da morte da Condessa de Beaumont.

«Mandei-lhe a sua carta para Francfort donde provàvelmente irá para mais longe, talvez para Weimar ou Berlim. Não se admire pois o Snr. Visconde de não receber imediatamente resposta de Madame de Stael; deve porém estar bem certo do sentimento que lhe vai causar a

Chateaubriand

perda de uma amiga de quem sempre lhe ouvi falar com admiração. Associo-me ao seu pezar e muita pena me faz a infeliz sorte de tôda a família do meu amigo Marquês de Montmorin.

«Vejo que pensa, Snr. Visconde, em voltar para França; muito desejo que passe por Genebra onde vou passar o inverno. Muito gôsto terei em lhe fazer as honras dessa cidade onde já chegou a fama do seu nome. E onde não che-

Paulina de Montmorin, Condessa de Beaumont

gará? A sua última obra, resplendente de belezas incomparáveis, anda nas mãos de todos os que gostam de ler.

«Tenho a honra de lhe apresentar, Senhor, a certeza e a homenagem dos mais distintos sentimentos. — *Necker.* — Calpet, 27 Novembro 1809».

Dizia em sua carta Madame de Stael:

Francfort, 9 Dezembro 1809 — Ai meu Deus, «my dear Francis», que acerba dôr senti ao receber a sua carta, mas já ontem pelos jornais tinha sabido a funesta notícia. A sua dolorosa narrativa ficará gravada para sempre no meu coração. Poder-se há falar de opiniões diferentes sôbre religião? Pois poderá haver duas opiniões quando existe um único sentimento? A sua carta li-a através das minhas lágrimas. Não se esqueça, «my dear Francis», do tempo em que era meu amigo, não se esqueça sobretudo de como o meu coração foi para si atraído, e pense que êsses sentimentos de amizade profunda e terna continuam a viver na minha alma.

«Eu amava e admirava o carácter de Madame de Beaumont; nunca conheci outro que fôsse mais generoso, mais reconhecido, mais apaixonadamente sensível. Conheci-a logo que fiz a minha entradana sociedade e a pesar de algumas diversidades no pensar, a ela me senti sempre unida por raízes profundas. Dê-me meu querido amigo um lugar na sua vida. Estimo-o, admiro-o e amava Aquela que chora. Sei ser amiga dedicada, serei para si uma irmã. Devo respeitar mais do que nunca as suas opiniões religiosas; Metheus que as tem, foi para mim um anjo nas aflições por que acabo de passar. Dê-me, peço-lhe, ocasião de lhe ser útil ou agradável.

«Já sabe que me desterraram para longe de Paris quarenta léguas? Aproveitei a oportunidade para viajar pela Alemanha; na primavera voltarei para Paris se o meu destêrro tiver acabado; se não, para perto de Paris ou Genebra. Faça com que nos vejamos. Não sente por ventura que o meu espírito compreende o seu? Não sente que se assemelham a pesar das diferenças?

«Humboldt escreveu-me há dias, falava-me de si, da sua obra, com uma admiração que deve lisonjeá-lo tratando-se de pessoa de tanta sabedoria e valor. Mas para que lhe falo nesta triste ocasião, na sua glória? Contudo «Ela» amava essa glória. Continui pois a fazer cada vez mais ilustre Aquele que «Ela» tanto amou.

«Adeus, meu caro Francisco, escrever-lhe-hei de Weimar, responda-me para lá, ao cuidado dos banqueiros Desports.

«Quantas palavras da sua carta me retalharam o coração!

«E aquela resolução de conservar a velha Saint-Germain? Há-de levá-la um dia a minha casa.

«Com a maior ternura e a maior dor, ainda uma vez adeus.— N. Stael.

Paulina de Beaumont, «mais feia do que bonita», como diz o próprio Chateaubriand, possuia grande poder de sedução. Amaram-na em vida, choraram-na morta. Eu mesma, a tantos anos de distância, não pude fugir ao encanto, subtil como um perfume, que espalha a sua memória... Lamento-a. Gosto muito dela.

Quisera ir à cidade dos Papas, procurar o túmulo solitário, mandado erigir pelo grande poeta dos «Mártires», e ali depois de orar, deixar uma lágrima e uma flor.

Maria do Carmo Peixoto.

Nota.—O actual representante do nome de Chateaubriand tem sangue português. Helena de Armstrong, filha dos Duques de Armstrong, da conhecida casa de Faria (Sobrinha do Marquês de Faria) casou com o Conde Frederico de Chateaubriand, nascendo dêsse casamento André de Chateaubriand, herdeiro hoje do glorioso nome do autor de tantas obras primas.— *M. C. P.*

CINEMATOGRAFIA

O malogrado astro da arte do silêncio, Rudolfo Valentino tomou, nos últimos tempos da sua vida artística uma nova directriz. O criador de tantos galãs modernos, *rastas* e estroinas, enveredou pelos papéis românticos, de *panache*, talvez sob a influência do grande Fairbanks que o levara para os *United Artists*, a trabalhar na mais alta organização artística da América do Norte.

Preparando o seu maior filme, Benevenuto Cellini, o belo italiano produziu dois filmes intensamente românticos e de ambiente exótico. Essas duas obras de arte foram os últimos sucessos de Paris e chamam-se «O Filho do Cheik» e «Aguia Negra». Dêste último, extraído da soberba novela de Alexandre Puschkine, enscenado por Clarence Brown, damos a seguir algumas notas, no que se refere ao sugestivo argumento.

* * *

Ao som dos clarins, a grande Catarina, imperatriz de tôdas as Rússias, aprestava-se a montar o seu cavalo favorito para passar em revista à sua guarda de cossacos. Uma salva de mosquetaria assustou a montada que tomou o freio nos dentes. Os cavalos dum côche que passa no mesmo momento, lançam-se igualmente na louca correria.

Wladimiro Dubrowski, jovem tenente da guarda imperial, num rasgo de audácia consegue montar a alimária desenfreada e fazer parar os cavalos do côche. A sua recompensa foi receber duma das duas passageiras do pesado veículo o mais encantador sorriso que jámais chegou até êle.

A tzarina que assistira à scena, extraordinàriamente irritada pelo facto de que um dos seus subditos tenha montado o seu cavalo e por outro lado, encantada pela soberba atitude do gentil oficial, deixa para depois o dever de julgar da sua conduta.

A tzarina sentiu-se fascinada pelo belo oficial de cossacos...

Seis horas, a hora do despacho imperial. Dubrowski é apresentado à soberana que, muito impressionada pela beleza e prestança do jovem oficial lhe dá a entender que está nas mãos dêle o chegar a general em poucos dias e pede-lhe que jante com ela pedindo-lhe também que a espere pois vai mudar de vestido. Alarmado pela bizarra atitude da tzarina, o jovem oficial foge desorientado.

Voltando a casa, encontra uma carta de seu pai que lhe faz saber da sua ruína, causada por um homem chamado Kyrilla que, graças à cumplicidade dum juiz deshonesto, se apropriou dos bens dos Dubrowski. Seu pai, muito doente, pedia-lhe que se dirija à grande Catarina para obter justiça.

Nada podendo fazer por êsse lado, Wladimiro Dubrowski, afrontando as conseqüências da sua fuga, vôa em socorro de seu pai. Os seus temores são grandes porém, quando sabe que, como desertor, tem a cabeça a prêmio.

Kyrilla, homem rude e fanfarrão, sem se importar com aqueles a quem roubou, festeja alegremente o seu latrocínio esperando a chegada do único ente a quem ama no mundo: sua filha Mascha.

O velho Dubrowski, entretanto, solta o seu último suspiro numa humilde cabana, rodeado pelos seus fiéis mujiks. Seu filho chega apenas a tempo de lhe fechar os olhos, mas jura vingar a sua morte.

Algum tempo depois não se falava, por tôda a parte, senão nas proezas e feitos dum rebelde conhecido pelo apodo de «Aguia Negra» terror de Kyrilla.

Os fiéis companheiros de «Aguia Negra» que não é outro senão Wladimiro Dubrowski, tendo deitado a mão à filha de Kyrilla, vêem com estupefacção a sua prisioneira libertada por «Aguia Negra» que julga reconhecer em Mascha a linda menina do côche que, por sua vez, o não pode reconhecer em virtude da máscara que lhe esconde a face. A sorte parece favorecer Wladimiro. Na muda da diligência onde vai buscar um carro, encontra um jovem estrangeiro que lhe diz vir contratado por Kyrilla para professor de línguas estrangeiras de sua filha. «Aguia Negra» oferece-se logo para acompanhar o letrado ao castelo do usurpador. Mas quem chega a casa de Kyrilla sob o nome de José Martinez, professor contratado para Mascha, é o próprio «Aguia Negra».

Em breve uma grande intimidade liga professor e aluna. Wladimiro parece esquecer o seu juramento de vingança e Mascha, por seu lado, sente-se perturbada pela dúvida que a assalta sôbre a personalidade de Martinez e também pelo profundo sentimento de ternura que sente por êle.

Por meio de uma delicada espionagem, a linda herdeira em breve adquire a certeza de que Martinez não é outro senão o «Aguia Negra» e assim, no decorrer duma discussão, declara-lhe que vai entregá-lo aos cossacos de seu pai. Nesse momento chegam com efeito os rudes cavaleiros das estepes que acabam de capturar o mais fiel servidor de «Aguia Negra». A linda Mascha assiste cheia de terror à flagelação bárbara do prisioneiro para lhe arrancarem o paradeiro do seu amo. Wladimiro, para pôr fim ao suplício do seu fiel companheiro, dá-se a conhecer. Mascha ante o perigo que corre aquele que ama, deixa escapar o seu segrêdo sentimental e foge com êle por uma porta secreta.

Uma grande simpatia nascera entre Mascha e o foragido...

Galopando estrada fora, os fugitivos em breve são alcançados pelos cossacos lançados na sua pista e presos pela guarda imperial que andava em procura do desertor Wladimiro Dubrowski.

Prisioneiro da tzarina, cujo amor recusou, Wladimiro é condenado à morte. Como suprema graça, obtem celebrar o seu casamento com Mascha na capela da prisão.

A tzarina deu plenos poderes ao general Kuschka para a execução do condenado. Seguro da sua grande influência o general toma a peito realizar apenas um simulacro de fusilamento. Depois de fazer acreditar a Catarina que o jovem tenente deixara de existir, faz-lhe assinar um passaporte em nome de José Martinez — que é o próprio Wladimiro Dubrowski.

A soberana compreendera porém, mas feliz por ver que alguem se antecipara ao seu gesto misericordioso, perdôa ao general o seu embuste e vendo pela janela do palácio o parsinho dos noivos que se afastam, lança-lhe o seu perdão num gesto saüdoso de despedida.

* * *

Irêne Vernon Castle, a delicada artista de cinema e colossal bailarina que teve uma gran-

Kathryn Perry, dos elencos da Fox

de aura artística e foi vedeta há oito anos dos mais belos filmes da época, faleceu em Chicago em conseqüência duma queda dum cavalo.

* * *

Arthur Ziehm, bem conhecido na indústria cinematográfica de todo o mundo como organizador e director do departamento estrangeiro da antiga Goldwyn Cosmopolitan & C.ª, fundou recentemente uma grande firma em Berlim, com sete sucursais e organizou uma larga produção. O seu grande sucesso actual de produção é «A cruzada da mulher» que acaba de ser programado em Berlim em dois grandes teatros com um sucesso louco. É um filme magnífico com os três maiores actores alemães Conrad Veidt, Harry Liedtke e Werner Krauss nos principais papéis. A principal parte feminina foi atribuida a Maly Delschaft que obteve tão grande sucesso nos célebres filmes «O último dos homens» e «Varietés».

O grande realizador americano King Vidor, irmão da «star» Florence Vidor, acaba de se ligar pelos laços do matrimónio à intérprete deliciosa da maioria dos seus filmes, Eleanor Boardman.

* * *

André Cornelis, uma obra prima do grande Paul Bourget vai ser filmada. Jean Kemm, o animador do «Bossu» será o director artístico e os principais papeis serão atribuidos a Malcom Tod, Albert Bras e Claude France.

* * *

Henri Diamant-Berger que terminou o filme *Rue de la Paix* sôbre o romance de Abel Hermant, vai começar a realização de *Éducation de Prince* segundo Maurice Donnay.

* * *

Deve ser em breve exibida uma das peliculas de que mais se tem falado por ocasião da sua factura. Chama-se ela «A honra antes de tudo» e do seu quadro de intérpretes fazem parte Paulina Starke, Johnnie Walker, Rockliffe Fellosos, etc. A direcção foi confiada a Chester Benett e a edição será da Fox que lançará êste filme com uma propaganda colossal.

* * *

Discute-se ainda se a rainha da Romênia irá ou não interpretar filmes nos ateliers americanos. O que já se sabe de positivo, é que

«Aguia Negra» era a esperança dos mujiks espoliados...

a soberana romaica está publicamente anunciada como autora de argumentos, pois que o ensenador inglês, Georges Denhurst vai executar um filme segundo um dos mais célebres romances da rainha Maria «A voz da montanha».

* * *

Fritz Lang, o realizador de «Morte cançada» e de «Nibelungos», vai realizar um colossal filmes, nos estudios americanos, tendo por tema o dilúvio niversal.

Uma curiosa figuração da balança da justiça num processo de divórcio entre Conrad Nagel e Norma Shearer no filme «Eva's d'hoje»

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

(Continuação do n.º 22)

Dizendo estas palavras avançou até a margem do riacho, apanhou a letra encarnada, e outra vez a prendeu ao peito. Sem embargo das esperanças com que tinha falado, não havia mais que um instante, de a afogar no mar alto, experimentou a sensação de uma fatalidade inevitável ao tornar a receber das mãos do destino aquele símbolo de morte. Tinha-o ela arremessado para o espaço infinito! tinha respirado uma hora livremente! e eis aqui estava de novo a rubra maldição a brilhar no mesmo sítio! Assim acontece sempre: simbolizado ou não, um acto culposo adquire sempre o carácter de fatalidade. Em seguida, ajuntou Hester as abundantes madeixas, e tornou a prendê-las debaixo da touca. Como se na letra funesta houvesse um encantamento mirrador, a sua formosura, o calor e a opulência da sua natureza de mulher, passaram como um sol que se apaga, e uma grande sombra pareceu descer sôbre ela.

Efectuada a triste mudança, Hester estendeu a mão a Pearl.

— Agora já conheces tua mãe, pequena? — perguntou ela em tom de censura, mas com abatimento. — Não saltas o regato e não reconheces tua mãe, agora que ela já pôs ao peito o seu opróbrio — agora que ela está triste?

— Sim; agora sim! — respondeu a criança, saltando o riacho e fechando Hester nos braços. — Agora é que tu és a minha mãe! e eu sou a tua Pearl pequenina!

Com uma ternura que não era nela habitual, a criança abaixou a cabeça da mãe e beijou-lhe a testa e ambas as faces. Mas logo a seguir — por uma espécie de necessidade que a levava sempre a ligar às consolações que dava um angustioso estremecimento, Pearl levantou a bôca e beijou também a letra encarnada.

— Isso não foi bonito! — disse Hester. — Quando acabas de me mostrar algum amor, fazes escárnio de mim!

— ¿Porque está o padre ali sentado? — perguntou Pearl.

— Está à tua espera, para te falar — respondeu a mãe. — Vem-lhe pedir a bênção! Êle gosta de ti, minha Pearl pequenina, e também gosta da tua mãe. Também tu hás de gostar dêle, sim? Vem! Êle está ansioso por te ver.

— Êle gosta de nós? — disse Pearl, olhando para o rosto da mãe com sagaz inteligência. — ¿É capaz de voltar connosco, de mãos dadas, nós três juntos, para a cidade?

— Não, filhinha, agora não — respondeu Hester. — Mas ainda há de andar de mãos dadas connosco. Teremos uma casa e um lar nosso; e tu hás de te sentar nos joelhos dêle; e êle há de te ensinar muitas cousas, e gostar muito de ti. E tu hás de gostar dêle, não é verdade?

— ¿E êle há de ter sempre a mão em cima do coração? — perguntou Pearl.

— Tolinha! Que pergunta essa! — exclamou a mãe. — Vem-lhe pedir a bênção!

Mas, quer influísse nela o ciúme que parece instintivo em tôda a criança amimada para com um rival perigoso, quer obedecesse a uma veneta de sua natureza caprichosa, Pearl não quis mostrar agrado ao padre. Foi só pelo emprêgo da fôrça que a mãe a pôde trazer até êle, deitando-se a criança para trás, e mostrando a sua relutância em caretas esquisitas, de que, desde a primeira infância possuía grande variedade, sabendo transformar a sua fisionomia móbil numa série de aspectos diferentes, cada um de uma maldade nova. O padre — dolorosamente confuso, mas esperando que um beijo fôsse talismã que lhe abrisse as portas de um melhor afecto — curvou-se, e deu-lhe um na testa. Logo que o deu, Pearl sacudiu-se das mãos da mãe e, correndo até o regato, debruçou-se, e lavou a testa, esfregando-a, até o beijo ingrato ter desaparecido, difundido por uma larga extensão da água corrente. Depois ficou de parte, olhando em silêncio Hester e o padre, emquanto falavam e combinavam as disposições que requeria a sua nova situação e os propósitos que iam em breve realizar.

A entrevista fatídica chegara ao têrmo. O vale ia ficar em solidão, com as árvores negras e antigas, as quais, com suas inumeráveis línguas, longo tempo falariam, em tom sumido, do que ali se passara, sem que mortal nenhum ficasse por isso melhor. E o regato melancólico juntaria esta nova história ao mistério que já sobrecarregava o seu pequeno coração, e de que êle falava sempre, em seu antigo murmúrio, tão triste como sempre fôra.

XX

O PADRE NUM LABIRINTO

O padre, ao partir, adiante de Hester Prynne e de Pearl, lançou para trás um olhar, quási esperando que apenas encontraria um esbôço de feições, ou um vago contôrno, da mãe e da filha, a sumir-se gradualmente no crepúsculo da floresta. Tão grande acontecimento de sua vida não o podia êle desde logo aceitar como real. Mas lá estava ainda Hester, com o seu vestido cinzento, ao pé do tronco de árvore, que alguma rajada havia abatido há séculos, e que desde então o tempo tinha vindo a cobrir de musgo, para que estas duas vítimas do destino, sôbre quem pesava o mais duro fardo da terra, nêle se sentassem juntas e encontrassem uma hora de alívio e de descanso. E lá estava também Pearl, que vinha, dançando, da margem do regato — agora que o intruso se fôra — para o seu lugar ao pé da mãe. Não tinha, pois, o padre dormido e sonhado!

Para se libertar desta impressão de indistinto e de confuso, que o perturbava com desassossêgo estranho, o padre recordou e definiu melhor os planos que Hester e êle haviam feito para a partida. Tinham reconhecido que no Velho Mundo, com suas multidões e cidades, mais fàcilmente poderiam encontrar onde se abrigassem e escondessem que nos plainos selvagens da Nova Inglaterra ou de tôda a América, com suas alternativas de cubatas de índios e escassas colónias de europeus, espalhadas, de longe em longe, pela costa. Para não falar da saúde do padre, tão precária para que pudesse afrontar as durezas de uma vida de floresta, os seus dotes naturais, sua cultura e pleno desenvolvimento só no meio da civilização e do progresso lhe poderiam dar lugar próprio; quanto mais alta fôsse a posição, tanto mais proporcionada para êle. Para os confirmar nêsse intento sucedia que estava um navio no pôrto; um dêsses cruzadores duvidosos, vulgares naquele tempo, que, sem serem absolutamente uns desclassificados do mar, rondavam contudo a sua superfície com bastante irresponsabilidade. Chegara êste navio, havia pouco, do Mar de Espanha, e dentro de três dias partiria para Bristol. Hester Prynne — cujo mester de voluntária irmã de caridade a levara a conhecer o capitão e os tripulantes — podia encarregar-se de obter a passagem de duas pessoas e de uma criança com todo o segrêdo que as circunstâncias tornavam mais que desejável.

Tinha o padre perguntado a Hester, com interêsse não pequeno, qual o dia exacto em que se poderia esperar que o navio partisse. Seria provàvelmente dali a quatro dias. — Era uma circunstância bem feliz! — dissera então para si o padre. — A razão porque o reverendo sr. Dimmesdale tinha esta circunstância por muito feliz, hesitamos nós em revelá-la. Era, porém, — para nada escondermos ao leitor — porque dali a três dias tinha êle de prègar

o Sermão da Eleição; e, como êsse momento representava uma época honrosa na vida de um sacerdote da Nova Inglaterra, não poderia êle ter escolhido melhor maneira e ocasião de terminar a sua carreira profissional. — Ao menos dirão de mim — pensava êste homem exemplar — que não deixo por cumprir ou mal cumprido nenhum dever público do meu cargo! — Triste cousa, em verdade, que uma introspecção tão profunda e sagaz como a dêste pobre padre assim tão desgraçadamente se enganasse! Já tivemos, e talvez tenhamos ainda, piores cousas que contar dêle: porém nenhuma, a nosso parecer, de tão deplorável fraqueza; nenhum sinal ao mesmo tempo tão pequeno e tão irrefragável de uma doença subtil que desde muito entrara a roer a substância real do seu carácter. Nenhum homem pode usar durante muito tempo uma cara para si e outra para a multidão sem que por fim chegue a não saber bem qual delas é a verdadeira.

A excitação dos sentimentos do sr. Dimmesdale, ao regressar do seu encontro com Hester, deu-lhe energia física desusada e pô-lo a caminho da cidade a passo rápido. A vereda pelo mato parecia-lhe mais desolada, mais rude, com seus obstáculos naturais, e menos pisada de passos humanos do que se lembrava que fôsse quando a percorrera na ida. Mas saltava os charcos, atravessava impetuosamente o mato, trepava as ladeiras, mergulhava nas covas, vencia, em suma, tôdas as dificuldades do caminho com uma actividade incansável que lhe causava pasmo. Não podia deixar de recordar-se da tibieza e das paragens freqüentes, para respirar, com que, não havia mais de dois dias, tinha passado pelo mesmo terreno. Ao aproximar-se da cidade, recebeu uma impressão de mudança dos vários objectos familiares que se lhe apresentavam. Parecia que não fôra ontem nem havia dois dias, porém muitos, ou até anos, que os tinha deixado. Lá estava, em verdade, a rua com todos os pormenores de que se recordava, e tôdas as peculiaridades das casas, com a costumada multidão de telhados em bico, e um cata-vento em cada ponto onde a sua memória o exigia. Nem por isso, contudo, era menor esta sensação forte e importuna de mudança. O mesmo sucedia com os conhecidos que encontrava, e com tôdas as formas familiares da vida humana que havia na cidade. Não pareciam mais novos nem mais velhos; não eram mais brancas as barbas dos anciãos, nem o infante que ontem engatinhava se podia ter já de pé; era impossível distinguir em que é que diferiam dos indivíduos sôbre quem êle, há tão pouco tempo, lançara um olhar de partida; e todavia o sentido mais íntimo do padre parecia informá-lo da mudança de todos. Uma impressão desta ordem o feriu com grande intensidade ao passar rente aos muros da sua igreja. Tinha o edifício tão estranho aspecto, e todavia tão familiar, que o espírito do sr. Dimmesdale oscilou entre duas ideas; que o tinha visto, até ali, só em sonho, ou que era em sonho que o estava agora vendo.

Êste fenómeno, nas várias formas que assumia, indicava, não uma mudança externa, mas uma mudança tão súbita e importante no espectador da scena familiar, que o intervalo de um só dia lhe tinha actuado na consciência, como se fôra lapso de muitos anos. A própria vontade do padre e a vontade de Hester, e o destino que êntre êles crescia, tinham operado esta transformação. Era a mesma cidade de antes, mas não era o mesmo padre que voltava da floresta. Poderia ter dito aos amigos que o saüdavam: — Não sou o homem por quem me tomais! A êsse, deixei-o eu lá na floresta, num vale secreto, ao pé de um tronco cheio de musgo, perto de um regato melancólico! Ide procurar o vosso pastor e vêde se a sua figura descarnada, as suas faces magras, a sua fronte sombria e enrugada pela dor, não ficaram lá tôdas, deitadas fora, como veste que se deixasse de usar! — Seus amigos, sem dúvida, ter-lhe-iam

respondido: — Sois vós mesmo êsse ministro! — Mas o êrro seria dêles, e não dêle.

Antes de o sr. Dimmesdale chegar a casa, deu-lhe o seu ser interior outras mostras de uma revolução na esfera da inteligência e do sentimento. Em verdade, nada menos que uma mudança total de dinastia e de código moral, naquele reino interior, era capaz de explicar os impulsos que agora acometiam e assombravam o desditoso padre. A cada momento se sentia impelido a fazer alguma cousa estranha, descomedida, perversa, sentindo que seria ao mesmo tempo involuntária e intencional, feita contra a sua vontade, mas em obediência a um ser mais profundo que o que se opunha a êsse impulso. Por exemplo, encontrou um dos seus diáconos. Dirigiu-se-lhe o bom velho com o paternal afecto e o privilégio patriarcal que sua idade veneranda, seu carácter recto e santo, e a sua situação na Igreja lhe permitiam; e, ao mesmo tempo, com o respeito profundo, e quási veneração, a que tanto as qualidades profissionais como as privadas, do ministro, o obrigavam. Nunca se viu mais belo exemplo de como a majestade da velhice e da experiência se pode coadunar com o respeito e as atenções que lhe são impostas como próprias de uma posição social inferior, e de uma menor categoria intelectual, para com outra mais alta. Pois, durante uma conversa de momento entre o reverendo sr. Dimmesdale e êste velho e excelente diácono, foi únicamente pelo exercício do mais vigilante domínio de si mesmo que o primeiro logrou coïbir-se de proferir certas considerações blasfemas, que lhe surgiram no espírito, com respeito à Comunhão. Chegou a tremer fisicamente, e a empalidecer, com mêdo de que a língua lhe fugisse para a expressão dessas cousas hediondas e alegasse o seu consentimento, sem que êle tivesse chegado realmente a dá-lo. E, mesmo com êste terror no coração, mal pôde conter o riso ao imaginar como o velho e santo diácono ficaria petrificado com a impiedade do seu pastor.

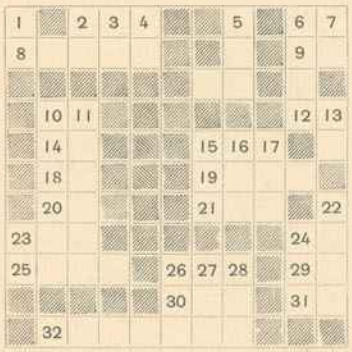
Ainda outro incidente da mesma natureza. Seguindo apressadamente pela rua fora, o reverendo sr. Dimmesdale encontrou a mais velha das suas paroquianas, uma senhora idosa, de piedade exemplaríssima, pobre, viúva, só, e com o coração tão cheio de lembranças do marido, dos filhos mortos, e de pessoas amigas há muito extintas, como um cemitério o é de sepulturas. Porém tudo isto, que para outrem fôra profunda tristeza, era quási motivo de alegria solene para a velha alma devota, pelas consolações religiosas, e as verdades da Escritura, de que se nutria continuadamente havia mais de trinta anos. E desde que o sr. Dimmesdale a tomara a seu cargo, o principal consôlo terrreno da boa velha — consôlo que, a não ser também divino, não fôra nenhum — era encontrar-se com o seu pastor, quer por acaso, quer de propósito, e receber de sua bôca bem-amada, no ouvido duro mas venturosamente atento, o confôrto de uma palavra de verdade evangélica, quente, fragrante, celestial. Mas, nesta ocasião, até o momento de pôr seus lábios ao ouvido da velha, o sr. Dimmesdale, conforme o quis o grande inimigo das almas, não pôde lembrar-se de um único passo da Escritura, nem de outra cousa senão de um argumento breve, forte, e, segundo nesse instante se lhe afigurava, irrespondível, contra a imortalidade da alma humana. A introdução dêste argumento na alma da velha é de supor que fizesse cair redondamente morta a pobre criatura, como por efeito de uma infusão intensamente venenosa. O que o padre realmente lhe chegara a dizer ao ouvido, nunca mais lhe pôde lembrar. Houvera, talvez, na sua elocução uma feliz desordem, a qual evitara que chegasse à compreensão da boa viúva qualquer idea precisa; ou a Providência por especial processo a havia interpretado.

(Continua.)

PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



Horizontalmente:

2 Muito doce. — 6 Letra grega. — 8 Nome feminino. — 9 Artigo árabe. — 10 Advérbio. — 12 Nas cartas. — 14 Preciso para viver. — 15 Em Aveiro. — 18 Olhei. — 19 Nome antigo de um país da Europa. — 20 Duas letras de Chiado. — 21 Andavas. — 23 Artigo francês. — 24 Andar. — 25 Pedra. — 26 Presente. — 29 Nota de música. — 30 Conjunção. — 31 Artigo. — 32 Aposentos.

Verticalmente:

1 Artigo árabe. — 2 Nota de música. — 3 Duas letras de Izabel. — 4 Nota de música. — 5 Semelhante. — 6 Terra do Brasil. — 7 Artigo francês. — 10 Animal. — 11 Palavra italiana designando uma música sentimental. — 13 Diminutivo familiar de um nome masculino. — 15 Chefe de um estado. - 16 Zanga. — 17 Lamentações. — 22 Argolas. — 23 Artigo francês. — 24 Nome feminino. — 26 Faz sofrer. — 27 Resa. — 28 Conjunção.

▪ ▪ ▪

PURO DESLEIXO

Médico novo (com orgulho): — Seis dos meus doentes curaram-se a semana passada.

Médico velho: — A culpa é sua. Não devia passar tanto tempo no clube.

Ela: — Tenho muita pena, Eduardo, mas só posso ser para si uma irmã.
Ele: — Então, nesse caso, restitua-me os presentes que lhe dei.
Ela: — Ó Eduardo! já se viu alguma vez, uma irmã fazer semelhante tolice!

OS DOIS CORDÕES

(Passatempo)

Estão aqui êstes dois cordões atados pelo meio. Os leitores deverão recortar primeiro os pontos brancos *a* e *b*, e em seguida, enlaçar os dois cordões de modo a tornál-os absolutamente inseparáveis, sem os desatar, nem lhes cortar nenhum bocado. É facílimo, verão.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do n.º 22)

U	M	A	▪	▪	▪	▪
M	E	L	▪	▪	▪	▪
A	L	I	C	E	▪	▪
▪	▪	C	E	M	▪	▪
▪	▪	E	M	F	I	M
▪	▪	▪	▪	I	V	A
▪	▪	▪	▪	M	A	U

▪ ▪ ▪

O DILEMA DO CASEIRO

O caseiro (zangado): — Desta é que me não escapas, rapaz. Não te disse eu que te levava ao teu pai se te apanhasse outra vez a roubar-me maçãs?

O rapaz: — Leva agora! O meu pai já morreu.

▪ ▪ ▪

— Vem daí jantar comigo, Armando.

— Ó homem! a hora do jantar já passou há que tempos, a tua mulher há de estar furiosa!

— Bem sei; pois é por isso mesmo que te convido para vires comigo; ela não tem fôrça para nos bater em ambos.

▪ ▪ ▪

Grosseria:

Ela: — É verdade as estatísticas mostrarem que as mulheres vivem mais tempo que os homens?

Ele: — E; a pintura é um grande preservativo, sabes?

Andam por aqui mais três patinadores e vêem-se bem.

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS

LUÍSA EY

Agora, que os povos ainda ontem em guerra acêsa já voltaram a estabelecer entre si relações amistosas, poderá parecer mal que lembremos quanto é notável o papel dos alemães entre os estrangeiros amigos das nossas letras? Se a muitos individuos de outras nacionalidades devemos valiosos estudos desta natureza, justo é dizer que os alemães ámais lhes ficaram atrás, se é que algumas veżes não andaram até á sua frente. E quando outros casos não aparecessem a comprová-lo — que os há, e não poucos — êste, oferecido pela individualidade da sr.ª D. Luisa Ey, seria flagrante e eloqüente para abonar a nossa asserção. Pode-se afirmar, sem exagêro, que a maior parte da sua actividade intelectual tem sido consumida em nosso favor. Em traduções dos autores portugueses antigos e modernos, em ensaios e artigos de critica, sem deixar omissa a sua valiosa antologia luso-brasileira, — o amor desta cultissima, Senhora pelas coisas da nossa literatura não encontra fácilmente paralelo noutra qualquer individualidade. Professora do «belo e rico idioma de Camões» na Universidade e no Instituto Colonial de Hamburgo, um dos seus trabalhos lusitanistas de grande envergadura é, sem dúvida, a Nova gramática alemã para o estudo da lingua portuguesa, *segundo o reputado sistema Langenscheidt. Em forma de cartas, cheia de intuitivos exemplos, extraidos dos livros dos nossos escritores mais representativos, tal gramática é um esplêndido instrumento de apreensão da lingua portuguesa nas mãos da gente alemã. Obra que é produto de aturados estudos e de longos anos de perseverantes canseiras, em muitas das suas páginas, sempre que disso teve ensejo, a autora presta a sua homenagem a Trindade Coelho, que ela teve como Mestre e Amigo dos mais queridos. O* A B C do Povo *e os livros de leitura dêste saüdoso escritor, que deixou limpida memória do seu carácter, declara-os D. Luisa Ey firmes alicerces da sua obra lusófila.*

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

SECÇÃO FRANCESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

ADAM (MARCELLE) — *Eros vaincu.* 12 fr.
BINET-VALMER — *Le village près du ciel.* 12 fr.
BOST (PIERRE) — *Crise de croissance.* 10 fr. 50.
BOUTET (FRÉDÉRIC) — *Le Harem Eparpillé.* 12 fr.
CAPRILES (GEORGES) — *Le retour angoissé.* 10 fr.
DELAMARE (GEORGE) — *Le Roi de minuit.* 12 fr.
DULAC (JOSEPH) — *Vers la maison de Hilla.*
DUNOIS (DOMINIQUE) — *L'amant synthétique.* 9 fr.
FLEG (EDMOND) — *L'Enfant prophète.* 10 fr. 50.
GYP — *Le Journal d'um philosophe.* 12 fr.
LA GRÈZE (JEAN DE) — *Serafina.* 12 fr.
LAURENT (MARCEL) — *Une ombre sur le miroir.* 10 fr.
LEVAUX (LÉOPOLD) — *Quand Dieu parle.* 10 fr.
NOELLE (ROGER) — *Celui qui voit.* 9 fr.
PAURE (M.) — *Le Roman de la chaire Notre Dame.* 10 fr.
VIMEREU (PAUL) — *Les Amants du Rempart. Roman de San-Malo.* 12 fr.
WILD (HERBERT) — *Les chiens aboien.* 12 fr.
WOLF (PIERRE RENÉ) — *Vous, qui l'avez connue...* 12 fr.

POESIA

ADY (ANDRÉ) — *Choix de poesies.* 4 fr.
ELUARD (PAUL) — *Capitale de la douleur.* 12 fr.

TEATRO

ROLLAND (ROMAIN) — *Pâques fleuris.* 12 fr.

LITERATURAS ESTRANGEIRAS

INGLESA

RAMSAY MACDONALD (I.) — *Margaret Ethel.* — Macdonald, 1870-1911.

ITALIANA

NEGRI (ADA) — *L'étoile du matin (Stella Mattutina).* — Trad. de Edourd e Jean-Schneider. 11 fr. 90.

RUSSA

TOLSTOI (LÉON) — *Journal intime.* 2 vol.s 25 fr.

HISTORIA

DONALD (M.) GREER — *L'Angleterre, la France et la Révolution de 1848.* 35 fr.
FIGERON (PIERRE) — *La Belle Madame Lescombat.* 12 fr.
HALEVY (ELIE) — *Histoire du peuple anglais au XIXe siècle.* Epilogue (1895-1914). T. I. *Les Impérialistes au pouvoir* (1895-1905). 50 fr.

DIREITO

N... — *Les codes de la Russie soviétique.* Tradução de Jules Pantouillet. 30 fr.

RELIGIÕES

JEHAN LE POVRE MOYRE — *Le cantique sur la joie parfaite.* A propos do 7.e centenaire de François d'Assise. 3 fr. 50.

SCIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS

FRIEDBERG (MARRIS) — *L'Influence de Charles Fourrier sur le mouvement social contemporain en France.* 3 fr.
OUY (ACHILLE) — *De la nécessité d'une étude biopsychosociologique de l'esprit humain.* 4 fr. 50.

SECÇÃO INGLESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

AUMONIER (STACY) — *The baby grand.*
BENÉT (STEPHEN VINCENT) — *Spanish Bayonet.*
BRAYBROOKE (PATRICH) — *Cruelty.*
BROCK (FREDERICK) — *The slapped woman.*
BURR (ANA ROBESON) — *St. Helios.*
CANDLER (EDMUND) — *The emergency man* and other tales...
ELLIS (SALOME) — *The logger.*
FOSTER (GEO. C.) — *The thief of time.*
FREEMAN (KATHLEEN) — *The intruder* and other stories.
GEE (JOSEPH) — *Isaac Reappears.*
GOODWIN (JOHN) — *The stronger hand.*
LAREN (JACK e MAC.) — *Which hath been.*
MACAULAY (ROSE) — *Crewe Train.*
NANKIVELL (JOICE M.) — *The fourteen thumbs of St. Peter.*
PATERSON (ISABEL) — *The fourth queen.*
PUTNAM (EMILY JAMES) — *Cardaules's wife.*
RIDELL (FLORENCE) — *Dream Island.*
«RITA» — *Our Miss Acadee.*
SALVERSON (LAURA GOODMAN) — *The viking heart.*
SARASAN (J. G.) — *Corsican Justice.*
SAVI (E. W.) — *Fruits of Desire.*
SIDGWICK (B. T.) — *Unwelcome visitors.*
STEEN (MARGUERITE) — *The gilt cage*
WALLACE (EDGAR) — *The yellow snake.*
WASHBURN (CLAUD C.) — *A florentine comedy.*
WELLS (CAROLYN) — *The vanity case.*
WYNNE-TYSON (ESMÉ) — *Security.*

Todos êstes volumes são a 7 s. 6 d. n.

POESIA

DAVIDSON (GUSTAV) — *Twenty sonnets.*
STONEHILL (CHARLES) — *Sonnets and lyrics.* 3 s. 6 d. n.
WELLINGS (ARTHUR) — *Verse of two thousand days.* 2 s. 6 d. n.

TEATRO

SHERIDAN (RICHARD BRINSLEY) — *The Plays.* Edited with an introduction by. *Iolo A. Williams.*

HISTÓRIA

SALZMAN (L. F.) — *English life in the middle ages.* 7 s. 6 d. n.

FILOSOFIA

HOLLINGWORTH (H. L.) — *The psychology of thought.* 10 s. 6 d. n.

MEDICINA

MASTERS (DAVID) — *How to conquer consumption.* 6 s. n.

RELIGIÕES

CROW (ALEXANDER) — *Gum leaves.* 3 s. 6 d. n.
RUSSELL (ANNIE) — *Notable women of the bible.* 3 s. 6 d. n.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 22$00	Escudos 44$00	Escudos 88$00
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	» 25$00	» 50$00	» 100$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	» 27$00	» 54$00	» 108$00
ESPANHA	» 24$00	» 48$00	» 96$00
ESTRANGEIRO	» 32$00	» 64$00	» 128$00

Quereis brindar vossos filhos?

Quereis que tomem gôsto pela leitura?

Quereis que aprendam a ler correntemente?

Dai-lhes a ler até aos 7 anos, os livrinhos da

BIBLIOTECA INFANTIL

NA TERRA E NO MAR, CONTOS GREGOS E BONECOS FALANTES

Dos 10 anos em diante: ROMANCE DA RAPOSA

Cada volume, brochado . . . . 6$00
Cada volume, com encadernação especial . . . . . 10$00

As melhores e mais bonitas histórias para crianças, por escritores portugueses e brasileiros

. . ▪▪▪ . .

Profusamente ilustradas a côres pelos melhores artistas nacionais e estrangeiros

. . ▪▪▪ . .

Pedidos às Livrarias

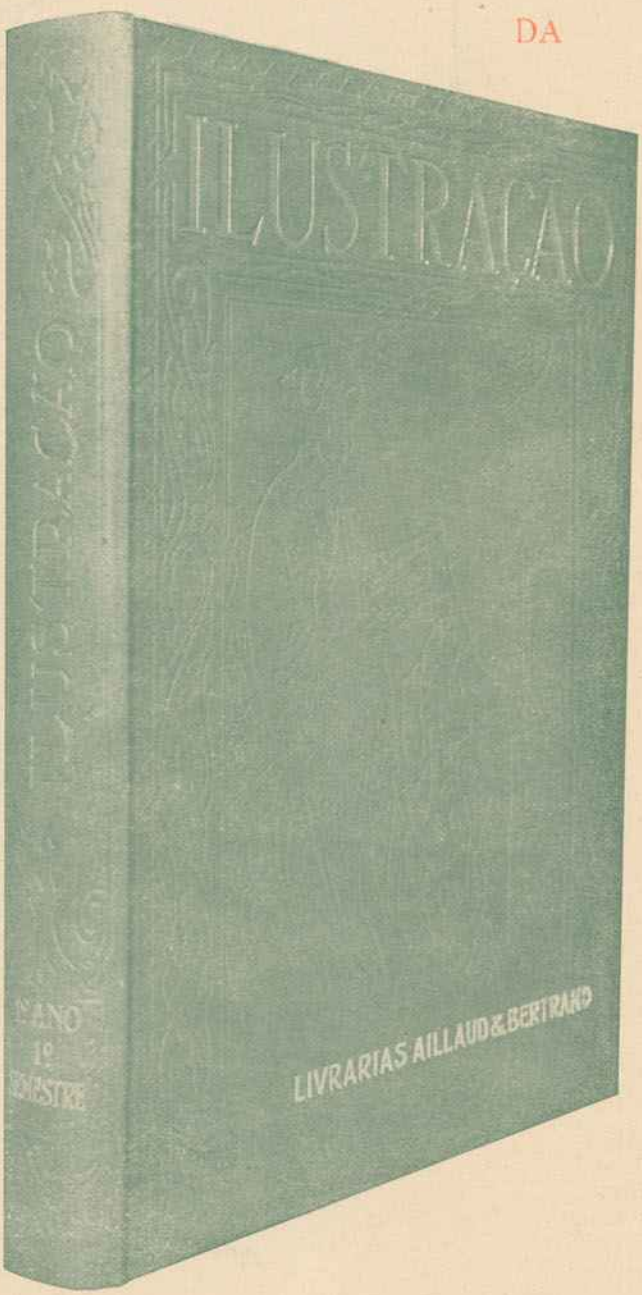
AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

Capas para Encadernação

DA



1.º ANO

1.º SEMESTRE

Cada volume encadernado

Esc. 68$00

Capa em percalina com ferros especiais

Esc. 12$00

Capa e encadernação

Esc. 20$00

. . .

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Todos os coleccionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar o 1.º semestre devem remeter os doze primeiros números à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura